



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
MESTRADO EM PSICOLOGIA COGNITIVA

**CRIANÇAS SELVAGENS: A EXPRESSÃO
DAS EMOÇÕES APÓS SITUAÇÃO DE
EXTREMA PRIVAÇÃO DE CONVÍVIO
SOCIAL**

KARINE PONTES SOUZA

Recife

2008

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
MESTRADO EM PSICOLOGIA COGNITIVA

**Crianças Selvagens: a expressão das emoções
após situação de extrema privação de convívio
social**

KARINE PONTES SOUZA

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Pernambuco como exigência parcial para a obtenção do título de Mestre em Psicologia Cognitiva.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Maria da Graça Bompastor Borges Dias

Recife

2008

Souza, Karine Pontes

Crianças selvagens : a expressão das emoções após situação de extrema privação de convívio social / Karine Pontes Souza. – Recife: O Autor, 2008.

97 folhas : il., fig., tab.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco. CFCH. Psicologia, 2008.

Inclui: bibliografia, e anexos.

1. Psicologia cognitiva. 2. Crianças selvagens. 3. Expressão – Emoções. 4. Expressão facial. . I. Título.

**159.9
150**

**CDU (2. ed.)
CDD (22. ed.)**

**UFPE
BCFCH2008/92**

FOLHA DE APROVAÇÃO

Karine Pontes Souza

Crianças Selvagens: a expressão das emoções após situação de extrema Privação de convívio social.

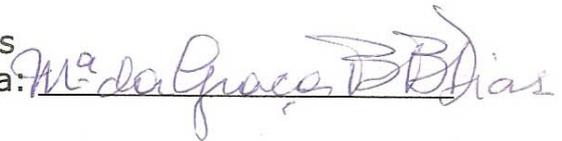
Dissertação apresentada ao
Programa de Pós-Graduação em
Psicologia Cognitiva da
Universidade Federal de
Pernambuco para obtenção do
título de Mestre.
Área de Concentração: Psicologia
Cognitiva

Aprovado em: 19 de junho de 2008

Banca Examinadora

Profa. Dra. M^a da Graça Bompastor Borges Dias
Instituição: U.F.PE

Assinatura:



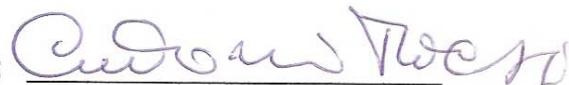
Profa. Dra. Carla Alexandra Silva Moita Minervino
Instituição: U.E.PB

Assinatura:



Prof. Dr. Antonio Roazzi
Instituição: U.F.PE

Assinatura:



DEDICATÓRIA

A **DEUS**, que me deu força para concluir mais uma etapa da minha vida.

À minha mãe, **SOCORRO PONTES**, pela força e luta constante para ver as filhas estudando.

Esse Mestrado é para você.

Ao meu querido avô, **MANOEL CÂNDIDO**, pelo amor incondicional, pelo incentivo e pela torcida.

Aos meus anjos da guarda e avós, **CICI PONTES E CARMINHA SOUZA**, pela preocupação, torcida e orações.

A meu pai, **FLÁVIO SOUZA**, pelo incentivo e exemplo.

A **FERNANDA GABRIELLE ANDRADE LIMA**, não apenas pelo material cedido para realização desta pesquisa, mas também por ter exigido que me tornasse Mestra e ter me ajudado no que precisei, e ainda por ser a amiga que é.

Às minhas irmãs **MARCELLE E FLÁVIA**, que unidas estamos mostrando que podemos.

Aos participantes deste estudo, **PEDRO E JOÃO**, na certeza que Pedro encontra-se em paz.

Aos Tutores dos participantes pela atitude de ter acolhido e cuidado desses dois inocentes, meus parabéns.

AGRADECIMENTO

A todos que fazem parte do meu suporte familiar, do qual muito me orgulho.

A **RACINE VIEIRA DE CERQUEIRA** pelo incentivo intelectual, pelo apoio, pelo aprendizado profissional e por acreditar ser possível, além da amizade eterna.

A **CRISTIANE LOCATELLI** e a **SHARRYLA SENA** pela fundamental ajuda com o inglês.

A **LUCIANA FÉLIX** pela amizade, companheirismo e pelo material cedido para que pudesse passar na seleção deste Mestrado.

A **MARIA ANUNCIADA** por cuidar sempre de mim e da minha família.

A **ARTURO ESCOBAR** pelas valiosas contribuições do material analisado.

A todos professores, alunos e funcionários que fazem parte da Pós-graduação em Psicologia Cognitiva.

A todos que de forma direta ou indireta me ajudaram na conclusão deste estudo que faz parte do meu desenvolvimento intelectual.

AGRADECIMENTOS ESPECIAIS

À minha orientadora Prof^a. Dr^a. **MARIA DA GRAÇA BOMPASTOR BORGES DIAS**, por ter despertado em mim o gosto pela pesquisa científica, pela empolgação no estudo e pelo cuidado com seus alunos além da Universidade.

Ao Prof. Dr. **ANTONIO ROAZZI** e ao Prof. Dr. **BRUNO CAMPELLO DE SOUZA** por todas as fundamentais colaborações feitas a este trabalho e também pelo carinho que fui recebida sempre que precisei.

RESUMO

PONTES SOUZA, K. **Crianças selvagens: a expressão das emoções após situação de extrema privação de convívio social**. Dissertação (Mestrado) orientada pela Dr^a. Maria da Graça Bompastor Borges Dias, Pós-graduação em Psicologia Cognitiva – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2008.

Os estudos sobre emoções são realizados há muito tempo, mas apesar disso não há um consenso sobre um conceito devido às muitas questões envolvidas nesse complexo processo. Um ponto controverso é sobre a existência de emoções básicas e sua universalidade. Alguns autores defendem a idéia de emoções inatas e universais, outros opinam sobre os fatores culturais presentes no desenvolvimento das emoções. Apesar dessa discussão todos concordam que as pessoas expressam externamente suas emoções através de gestos, ações, reações fisiológicas, expressões faciais e vocais. Existem vários relatos sobre crianças que foram privadas de convívio social e passaram a viver com animais ou em isolamento social e foram consideradas selvagens. Estes casos despertam no mínimo a curiosidade da população em geral e dos acadêmicos, pois representam uma forma de se tentar entender o papel da sociedade e do convívio com outros da mesma espécie para o desenvolvimento das funções únicas do ser humano. Os participantes desta pesquisa foram dois jovens descobertos num curral com suínos no interior de Pernambuco. Permaneceram nessa situação por aproximadamente sete anos. A presente pesquisa é um estudo de caso, de caráter exploratório que visou investigar as expressões emocionais nesses sujeitos no sentido de se produzir evidências para o estudo do desenvolvimento das emoções e o debate acerca da sua universalidade e/ou relatividade. Comparando os dois irmãos em relação às emoções esperadas e as observadas para as situações geradoras de emoções encontradas nos vídeos analisados, chegamos ao resultado que a congruência total entre esses tipos de emoção foi semelhante para os dois sujeitos, porém existem diferenças entre os irmãos na congruência de emoções esperadas específicas. A alegria foi a emoção mais observada nos participantes em detrimento das outras. A emoção de tristeza não foi observada nas análises, porém foi relatada pela cuidadora. Pedro demonstrava tristeza, mas João só a demonstrou quando o irmão morreu. Não houve evidências da emoção de nojo nos sujeitos deste estudo, esse fato nos levou a questionar a universalidade das emoções. O tipo de emoção (agradáveis, desagradáveis, neutras ou nenhuma; “mais elaboradas” ou “menos elaboradas”) não interferiu na congruência dos participantes, porém se só considerarmos as emoções agradáveis e as desagradáveis observamos que Pedro demonstra ser mais incongruente nas emoções desagradáveis. João não demonstrou variação da congruência em função da época da observação, mas Pedro apresentou congruência significativamente maior a partir de 2005. Podemos concluir que após quatorze anos de ressocialização, Pedro demonstrou ser mais apático que João apesar de ter sido colocado no cativeiro numa idade maior (6/7 anos de idade). Neste caso a privação do convívio social mais tardia trouxe mais dano ao que diz respeito à expressão emocional.

Palavras-chave: Crianças Selvagens, Emoções, Expressão das Emoções

ABSTRACT

PONTES SOUZA, K. **Wild children: the expression of emotions after a situation of extreme deprivation of social familiarity.** Dissertation (Magister in Scientia) advised by Dr. Maria da Graça Bompastor Borges Dias, Pós-graduação em Psicologia Cognitiva - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2008.

Studies on emotion have been done for a long time now, but, even so, there is no consensus on the concept of "emotion" per se due to the many questions involved in this complex process. A particularly controversial point is the existence of basic emotions and their unival nature. Some authors argue the notion of universal innate emotions, while others are of the opinion that cultural factors have a role in their development. In spite of that discussion, all agree people express their emotions externally by means of gestures, actions, physiological reactions, and facial and expressions. There are rare reports of children that were deprived of all social contacts and came to live with animals or in total social isolation, thereby considered "wild". These cases stir up at least some minimal curiosity from both the general population and the academic community, for they represent a way of trying to understand the role of society and of familiarity with others of the same species in the development of functions that are unique to humans. The participants in the present research were two young males discovered in a small town in the state of Pernambuco, Brazil, kept in a curral along with swines. They had remained in that situation for approximately seven years. An exploratory case study was performed attempting to investigate the emotional expressions of these subjects in order to produce evidence for the understanding of the development of emotions and the debate about their universal or relative nature. Comparing the two brothers with regards to the emotions that were to be expected and those that were actually expressed in different emotion-generating situations found in video recordings that were analyzed, it was found that the total congruence between both sets was similar for both subjects, however, there were differences between the brothers regarding the congruence for specific emotions. Joy was the most frequently observed emotion in both participants, to the detriment of the others. Pedro demonstrated sadness, but João only demonstrated it when his brother died. Sadness was not observed in the analysis, though it was reported by their caregiver. There was no evidence of disgust in any of the brothers, which leads one to question the universal nature of emotions. The type of emotion that (pleasant, unpleasant, neutral, or none; "more elaborate" or "less elaborate") did not interfere in the congruence of the participants, though, if one considers only the "pleasant" and "unpleasant" emotions, it is observed that Pedro tends to be less congruent when it comes to the unpleasant ones. João did not demonstrate variation in congruence as a function of the time of the observation, but Pedro showed greater congruence from 2005 onwards. One may conclude that, after fourteen years of re-socialization, Pedro seemed more apathetic than João, despite being placed in captivity at an older age (6/7 years). In this case, the later deprivation from social interactions seems to have brought about greater damage regarding emotional expression.

Keywords: Wild Children, Emotions, Expression of Emotions

LISTA DE FIGURAS

Figura n. 01 – Curral onde Pero e João foram confinados	.	.	47
Figura n. 02 – Pedro ao ser retirado do cativeiro em 1994	.	.	48
Figura n. 03 – João ao ser retirado do cativeiro em 1994	.	.	48

LISTA DE TABELAS

Tabela n. 01 - Lista de emoções básicas, os autores que a defendem e a explicação para a inclusão nessa lista	22
Tabela n. 02 - Conteúdo dos DVDs analisados	55
Tabela n. 03 – Comparação	59
Tabela n. 04 – Comparação	60
Tabela n. 05 – Comparação	62
Tabela n. 06 – Frequência	64
Tabela n. 07 - DVD 1 (sessão 1) João	83
Tabela n. 08 - DVD 1 (sessão 1) Pedro	83
Tabela n. 09 - DVD 1 (sessão 2) João	84
Tabela n. 10 - DVD 1 (sessão 2) Pedro	84
Tabela n. 11 - DVD 2 (sessão 3) João	85
Tabela n. 12 - DVD 2 (sessão 3) Pedro	85
Tabela n. 13 - DVD 3 (sessão 4) João	86
Tabela n. 14 - DVD 3 (sessão 4) Pedro	87
Tabela n. 15 - DVD 4 (sessão 5) João	88
Tabela n. 16 - DVD 4 (sessão 5) Pedro	89
Tabela n. 17 - DVD 5 (sessão 6) João	90
Tabela n. 18 - DVD 5 (sessão 6) Pedro	90
Tabela n. 19 - DVD 6 (sessão 7) João	91
Tabela n. 20 - DVD 6 (sessão 7) Pedro	92
Tabela n. 21 - DVD 6 (sessão 8) João	93
Tabela n. 22 - DVD 6 (sessão 8) Pedro	94
Tabela n. 23 - DVD 7 (sessão 9) João	95
Tabela n. 24 - DVD 7 (sessão 9) Pedro	95
Tabela n. 25 - DVD 8 (sessão 10) João	96
Tabela n. 26 - DVD 8 (sessão 10) Pedro	97

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
1 EMOÇÕES	20
1.1 Expressão das Emoções	20
1.2 Emoções Básicas	21
1.3 Universalidade x Relatividade das Emoções	24
1.4 Universalidade x Relatividade das Expressões Faciais	29
1.5 Emoção de Nojo	37
2 CRIANÇAS SELVAGENS	40
3 O CASO DOS “GORILINHAS”	46
4 OBJETIVOS	52
4.1 Objetivo Geral	52
4.2 Objetivos Específicos	52
5. MÉTODO	53
5.1 Participantes	53
5.2 Materiais	54
5.3 Procedimentos	54
6 RESULTADOS	58
7 DISCUSSÃO	68
8 CONSIDERAÇÕES FINAIS	72
REFERÊNCIAS	75
ANEXOS	78

INTRODUÇÃO

Os estudos sobre emoções são realizados há muito tempo, mas apesar disso não há um consenso sobre um conceito devido às muitas questões envolvidas nesse complexo processo. Delgado (1971) relata que é fácil definir o cérebro ou o coração por serem estruturas anatômicas concretas que podem ser tocadas e analisadas objetivamente, assim como as funções fisiológicas podem ser examinadas. No entanto, um conceito de emoção não foi descrito de modo a satisfazer todos os pesquisadores da área.

Ainda assim encontramos alguns conceitos na literatura. Murray (1971, p. 80) refere que emoções são “poderosas reações que exercem efeitos motivadores sobre o comportamento” e completa “são reações fisiológicas e psicológicas que influem na percepção, aprendizagem e desempenho”. Davidoff (1983, p.427) define emoções como “estados internos caracterizados por cognições, sensações, reações fisiológicas e comportamento expressivo específicos”. Sá (2007, p.17) traz uma definição baseada em Cole, Martin e Dennis (2004) concebendo a emoção como “uma capacidade biologicamente determinada de responderem os sujeitos aos estímulos do meio, de forma pronta, rápida, automática ou reflexa, visando a adaptar-se à realidade, com fins de sobrevivência”.

Apesar da inconstância nas definições, é certo que todas as pessoas, de diferentes idades, cultura e nível socioeconômico têm emoções e conseguem perceber que os outros também têm emoções (DAMÁSIO, 2004; HARRIS, 1996). Quem já não se sentiu triste ou alegre? Teve raiva ou medo? Vergonha ou ciúmes?

Outro aspecto envolvido nas teorias sobre emoção é sua origem. Davidoff (1983) postula que as emoções aparecem logo após o nascimento e apóia sua hipótese no choro e na aflição que os bebês demonstram quando estão com fome e nas reações positivas quando suas

necessidades são atendidas (por exemplo, quando são alimentadas). Considera um sinal primitivo de medo quando os recém-nascidos se assustam e afirma que no segundo semestre de vida surge a raiva. Relaciona o que chama de reações emocionais primitivas (choro, sorriso) a sobrevivência, propondo que funcionam como mensagens.

Damásio (1996, 2000, 2004) considera que os aspectos biológicos ou naturais, os culturais e as experiências individuais estão relacionados com o surgimento e o desenvolvimento das emoções. Os fatores naturais agiriam da mesma forma entre membros de diversas culturas e em outras espécies animais, eventos que causassem ameaça à vida poderiam desencadear medo e fuga em ratos, macacos ou seres humanos, ou sensação agradável ao saciar necessidades fisiológicas, como sede e fome. Os aspectos culturais e pessoais diversificariam dependendo do aprendizado e das situações já vividas pelo indivíduo, dessa forma as pessoas reagem emocionalmente de forma individual e variável.

Na busca de entender melhor essas questões, alguns autores como Damásio (1996, 2000, 2004) e Hoeksma, Oosterlaan e Schipper (2004) acham necessário diferenciar sentimentos de emoções, enquanto Harris (1996) não distingue esses aspectos (DIAS; SANTOS; ROAZZI, 2006). Para Damásio (2004) esses dois fenômenos são distintos, porém intimamente ligados. As emoções seriam perceptíveis através das ações e movimentos no rosto, na voz ou em condutas específicas e os não vistos externamente podem ser evidenciados por aparelhos modernos da medicina. Os sentimentos seriam propriedades mais privadas do organismo ocorridas no cérebro, não públicas, inerentes ao próprio indivíduo que está sentindo.

Pondo-se em acordo com a teoria de James (1890 *apud* DAMÁSIO, 2004), Damásio pontua que a emoção parece preceder o sentimento, nas suas palavras “a emoção e o sentimento eram irmãos gêmeos, mas tudo indicava que a emoção tinha nascido primeiro, seguida pelo sentimento, e o sentimento se seguia à emoção como uma sombra” (DAMÁSIO,

2004, p. 14). Considerando a evolução biológica da espécie, a emoção emerge primeiro, formando uma base para os sentimentos. Nesse contexto, emoções e sentimentos fazem parte do processo regulador da vida e são essenciais não só para a sobrevivência física individual, mas também para o êxito da espécie humana.

Embora, nessa perspectiva, emoção e sentimento sejam diferenciados, no momento que alguém vivencia esses fenômenos eles não ocorrem de forma distinta, sendo interligados. Apenas portadores de seqüelas neurológicas poderiam separar esses eventos em determinadas situações, por exemplo, uma pessoa seria capaz de demonstrar medo e não sentir medo (DAMÁSIO, 1996, 2000, 2004).

Para que possamos compreender melhor esse assunto, alguns autores classificam as emoções de diferentes formas. Para Harris (1996) as emoções podem ser primárias ou sociais, e as diferenciam pela existência de uma expressão facial. As emoções primárias teriam uma expressão facial simples de ser reconhecida, como a raiva, o medo, a tristeza e a alegria. Nas emoções sociais esse reconhecimento das expressões faciais não se daria tão facilmente, estariam relacionadas com valores morais e avaliação interna das causas do desencadeamento dessa emoção, é o caso do orgulho, da vergonha e da culpa. As crianças conseguem apontar situações adequadas para as emoções primárias aos quatro ou cinco anos, e para as sociais só a partir dos sete anos de idade (HARRIS, 1996).

Damásio (2004) categoriza em emoções de fundo, emoções primárias e emoções sociais. As emoções de fundo, produzidas por esse estudioso, referem-se à percepção que uma pessoa tem de sentimentos como mal-estar e bem-estar em si mesmo e nos outros e apesar de termos consciência desse processo, ele possuiria um papel secundário em nosso intelecto. As emoções primárias, também chamadas de universais, se referem àquelas que são identificadas com rapidez em humanos e animais nas mais distintas culturas, tais como raiva, nojo, medo, surpresa, tristeza e felicidade. As emoções sociais ou secundárias se reportam ao social e a

cultura, quando objetos sociais seriam a causa de emoção, tais como vergonha, ciúme, culpa, orgulho, entre outras.

Interpretamos “básicas”, “primárias”, “universais” e “fundamentais” como sinônimos quando se referem aos estudos das emoções.

Ainda em relação à classificação, Delgado (1971) afirma que atos emocionais envolvem sentimentos pessoais e nesse contexto, diferencia as emoções em agradáveis (como felicidade, alegria e amor) e em desagradáveis (como tristeza, medo e raiva). Refere que essa diferenciação em agradável ou não orienta o comportamento do indivíduo ou de um animal, fazendo com que ele evite ou queira repetir uma situação.

Desde a Grécia Antiga, diversos pensadores e filósofos acreditavam em uma dicotomia entre razão e emoção. A psicologia, que sofreu forte influência da filosofia, também estudou por muitos anos os processos cognitivos e afetivos separadamente (ARANTES, 2005). A emoção era vista como secundária na compreensão do desenvolvimento cognitivo do ser humano. Roazzi, Federicci e Wilson (2001, p.59) referem ser possível diferenciar duas grandes categorias de teorias psicológicas sobre emoções, que estariam relacionadas à “ausência ou da presença do fator cognitivo, ou melhor, da independência/dependência das emoções no cognitivo”. Atualmente, por influência de pesquisas neurológicas realizadas por Damásio (1996, 2000 e 2004) e por psicólogos do desenvolvimento como Bell e Wolfe (2004), Bridges, Denham e Ganiban (2004), Cole, Martin e Dennis (2004), Dias, Vikan e Gravas (2000), Harris (1996), Langois (2004) entre outros, indicam a importância da emoção nesse desenvolvimento.

Em seu estudo, Damásio (2004) relatou o que chamou da “máquina intrínseca da emoção”, a forma como as funções biológicas participam quando uma emoção é desencadeada no ser humano. Essas seriam as capacidades inatas para termos emoção, senti-las e sermos conscientes delas, pois temos órgãos biológicos e neurológicos para tal.

Entretanto, esse autor refere que a forma como vivenciamos esses fenômenos é particular e depende das nossas experiências pessoais. Considera que os estímulos e objetos envolvidos na emoção podem ser concretos e externos, mas também podem estar presente na memória de forma individual (DAMÁSIO, 2004). Nesse sentido, postula haver uma interação entre emoção e outros aspectos mentais como atenção, memória, pensamento, imaginação. A aprendizagem humana associa emoções e pensamentos em duas rotas, ou seja, “certos pensamentos evocam certas emoções e certas emoções evocam certos pensamentos” (DAMÁSIO, 2004, p. 79).

Harris (1996) concorda que emoção e cognição interagem entre si. Afirma que ao consolar outra pessoa, a criança necessitaria se colocar no lugar do outro e essa capacidade depende da competência cognitiva da criança.

Bruner (1998) em consonância com o abandono da dicotomia razão/emoção afirma que “existem algumas ligações simples entre emoção, estímulo, impulso de um lado, e aprendizagem, resolução de problema e pensamento do outro.” (BRUNER, 1998, p 119). Para esse autor emoções, cognições e ações são fenômenos que se interagem apenas dentro de um sistema cultural e completa “a emoção não é proveitosamente isolada de conhecimento da situação que a estimula. A cognição não é uma forma de puro conhecimento ao qual a emoção é acrescentada” (BRUNER, 1998, p.124).

Nesse sentido, uma situação de privação de contato social que inexoravelmente afetasse o desenvolvimento cognitivo de uma criança, traria transtornos para sua vida emocional e vice-versa?

Existem vários relatos sobre crianças que foram privadas de convívio social e passaram a viver com animais ou em isolamento social e foram consideradas selvagens. Estes casos despertam no mínimo a curiosidade da população em geral e dos acadêmicos, pois

representam uma forma de se tentar entender o papel da sociedade e do convívio com outros da mesma espécie para o desenvolvimento das funções únicas do ser humano.

1 EMOÇÕES

1.1 Expressão das Emoções

As pessoas manifestam externamente suas emoções através de gestos, ações, reações fisiológicas, expressões faciais e vocais. Nesse sentido, Delgado (1971, p. 51) afirma que:

A expressão das emoções abrange inúmeras respostas, que afetam os sistemas somático, autônomo e endócrino e o próprio cérebro, constituindo padrões apropriados para a transmissão de informação emocional, que são identificáveis por outros organismos da mesma espécie e podem ser usados para a descrição objetiva e a investigação de emoções típicas.

Murray (1971, p.96) defende que nos seres humanos “a mais importante expressão muscular ostensiva de uma emoção ocorre no rosto”.

Davidoff (1983) considerando a complexidade das emoções comenta sobre o papel do contexto no reconhecimento das expressões faciais. As expressões faciais frequentemente refletem emoções variadas ao mesmo tempo, e informações sobre o contexto em que essa emoção foi produzida é importante para que se possa interpretar sem erro a mensagem manifestada no rosto. Por exemplo, uma pessoa que recebe um convite para trabalhar em uma cidade distante da sua pode sentir um pouco de raiva, medo, tristeza e/ou felicidade.

Quando se estuda as expressões das emoções um ponto fundamental é a origem das expressões faciais, autores discutem sobre a universalidade ou não dessas manifestações, e nesse contexto as publicações sobre emoções ditas básicas subsidiam esse debate.

1.2 Emoções Básicas

O debate sobre a existência e a definição de emoções básicas ainda é muito discutível, pois não há um acordo entre os estudiosos do tema. Desde o título encontramos divergências, pois alguns usam “básico”, outros preferem o termo “fundamental” e ainda os que usam “primária” para o assunto. Nesse trabalho buscaremos usar o termo emoções básicas.

Darwin (2004) foi o pioneiro na descrição e teorização das emoções básicas. Conforme a influência darwiniana, os estudiosos que são a favor das emoções básicas as assumem como universalmente presentes nos humanos, como tendo reação homologa em animais, como sendo selecionadas no curso da evolução e como biologicamente primitivas (inatas) constituindo assim, os elementos fundamentais da vida emocional.

Ortony e Turner (1990, p. 316) nos fornecem uma lista de teóricos que consideram existir emoções básicas, quais são e de que forma foram incluídas nessa lista (Tabela 1).

Essa tabela mostra o quão são controversos os argumentos para classificar as emoções básicas, além de quais são realmente as básicas. Ortony e Turner (1990) ofereceram em seu estudo possíveis explicações para a falta de consenso sobre o papel, a função e a quantidade de emoções básicas. A primeira refere que tais emoções seriam básicas devido a seu valor biológico e psicológico. A próxima diz respeito ao fato dos teóricos se referirem a mesma emoção, mas usando diferentes nomes (exemplo, alegria e felicidade; raiva, fúria, cólera e zanga; desgosto e nojo, entre outras) e também a mesma emoção ser categorizada diferentemente em muitos casos. Finalmente, relatam a dificuldade que algumas línguas apresentam em se referirem a estados psicológicos, usando linguagem vaga para tal.

Referências	Emoções Básicas	Base para inclusão
Arnold (1960)	Raiva, aversão, coragem, abatimento, desejo, desespero, medo, ódio, esperança, amor, tristeza	Relação com tendências de ação
Ekman, Friesen & Ellsworth (1982)	Raiva, nojo, medo, alegria, tristeza, surpresa	Expressões faciais universais
Fridja (1968)	Desejo, felicidade, interesse, surpresa, admiração, mágoa	Formas de prontidão de ação
Gray (1982)	Fúria e terror, ansiedade, alegria	Forte ligação / Forte apego*
Izard (1971)	Raiva, desprezo, nojo, dor, medo, culpa, interesse, alegria, vergonha, surpresa	Forte ligação / Forte apego*
James (1884)	Medo, dor, amor, fúria	Envolvimento corporal / físico
McDougall (1926)	Raiva, nojo, exultação, medo, submissão, carinho, admiração	Relação com instintos
Mowrer (1960)	Dor, prazer	Estados emocionais não aprendidos
Oatley & Johnson-Laird (1987)	Raiva, nojo, ansiedade, felicidade, tristeza	Não requer conteúdo proposital
Panksepp (1982)	Expectativa, medo, fúria, pânico	Forte ligação / Forte apego*
Plutchik (1980)	Aceitação, raiva, antecipação, nojo, alegria, medo, tristeza, surpresa	Relação com processos biológicos adaptáveis
Tomkins (1984)	Raiva, interesse, desprezo, nojo, dor, medo, alegria, vergonha, surpresa	Densidade de descarga emocional
Watson (1930)	Medo, amor, fúria	Forte ligação / Forte apego*
Weiner & Graham (1984)	Felicidade, tristeza	Atribuição independente

Tabela n. 01 – Lista de emoções básicas, os autores que a defendem e a explicação para a inclusão nessa lista (ORTONY; TURNER, 1990)

* Forte ligação / forte apego foi à tradução utilizada para *Hardwired*

Para Morris e Maisto (2004) existe uma tendência entre estudiosos da área em diferenciar emoções primárias e secundárias. Definem emoções primárias como “aquelas compartilhadas pelas pessoas do mundo inteiro, independente da cultura. Isso inclui, no mínimo, o medo, a raiva e o prazer, mas pode também incluir a tristeza, a repulsa, a surpresa e

outras” (MORRIS; MAISTO, 2004, p. 282). Para esses autores existem quatro critérios fundamentais que os pesquisadores usam para afirmar que uma emoção é primária. O primeiro relaciona-se a cultura: para uma emoção ser básica ela deve ser óbvia em todas as culturas. O segundo refere que essa emoção deve cooperar com a sobrevivência da espécie humana. O próximo diz respeito às expressões faciais, ou seja, cada emoção deve ter uma expressão no rosto distinta. E, finalmente, essas emoções devem ser observáveis em primatas não-humanos.

Para Ekman e Friesen (2003) existem seis emoções básicas que podem ser identificadas na observação das expressões faciais, são elas: alegria, tristeza, medo, raiva, surpresa e nojo. Ekman (1999a) defende três perspectivas a favor dessas emoções. A primeira defende que existem emoções que se diferenciam por características específicas, por exemplo, o medo e a tristeza são emoções distintas devido a traços peculiares e particulares. Essa perspectiva é contrária a de que emoções são fundamentalmente as mesmas, diferenciando-se pela intensidade e se são agradáveis ou não. A segunda aborda o valor adaptativo das emoções na prática das tarefas do dia-a-dia. Considera existir situações típicas e universais dos seres humanos (por exemplo, frustração e conquistas); e as emoções desempenhariam um papel de conduzir à melhores resultados diante dessas situações. E finalmente, a terceira considera que as emoções ditas como básicas podem combinar para formar emoções mais complexas.

Finalizando, responder a questões como se existe ou não emoções básicas e quais são elas representa uma tarefa bastante difícil devido à complexidade do tema. Ortony e Turner (1990) realizam uma analogia na tentativa de evidenciar o quão complicado são essas indagações; afirmam que é como se perguntássemos quais são as pessoas básicas e esperar conseguir uma resposta que explicasse a diversidade humana.

1.3 Universalidade x Relatividade das Emoções

Existem duas vertentes extremas na discussão sobre a universalidade das emoções. Uma defende que as emoções são universais e inatas, portanto, tanto a expressão como o reconhecimento das emoções seriam iguais em povos de qualquer cultura. A outra acredita que as emoções são determinadas culturalmente, adaptadas à sociedade. Nessa perspectiva a expressão e o reconhecimento das emoções se dariam diferentemente para cada cultura.

Delgado (1971) diferencia aspectos inatos dos aprendidos em relação às emoções humanas. Refere que os inatos “são relativos à estrutura cerebral, canais, conexões sinápticas, reações químicas, sistemas enzimáticos e outros aspectos anatômicos e funcionais que são geneticamente determinados” (DELGADO, 1971, p. 47). Já os aprendidos referem-se a experiências pessoais, ligados a valores e padrões morais que fazem parte da carga cultural transmitida pela educação.

Foram realizadas diversas pesquisas transculturais usando o reconhecimento de expressões faciais a favor da universalidade das emoções, como estudos clássicos podemos citar os de Paul Ekman e seus colaboradores. Os resultados desse autor apesar de positivos, atingindo elevados escores de acerto, demonstram existir uma discrepância cultural na identificação das emoções associadas às figuras, tendo como exemplo os europeus dentre os quais os acertos eram de 80% em comparação com os africanos que apresentaram 50%. Esse é um dos pontos para a discussão da universalidade. Outro aspecto criticado nesses estudos é o uso de fotografias de expressões faciais, pois é conhecido que as emoções se expressam por vários outros canais não verbais (ELFENBEIN; AMBADY, 2002).

Elfenbein e Ambady (2002) examinaram vários estudos sobre o reconhecimento de emoções em diversas culturas. Essa análise incluiu 87 artigos, descrevendo 97 estudos separados. Foram examinados nesses estudos um total de 182 amostras de diferentes grupos

culturais, envolvendo aproximadamente 22.500 participantes, com média de 100 participantes por estudo, sendo 42 nações diferentes, 23 grupos étnicos e dois grupos regionais.

Essas autoras chegaram a diversas hipóteses para explicar a diversidade cultural encontrada nos estudos clássicos. Uma diz respeito ao contexto social que o indivíduo está inserido, ou seja, as emoções podem depender das convenções sociais da cultura. Outra questão se refere à linguagem que pode interferir no raciocínio e na representação de emoções pelas dificuldades de tradução e da entonação na expressão vocal, diferentes em várias culturas. E, finalmente, a familiaridade existente com indivíduos do mesmo grupo, geralmente as pessoas reconhecem as emoções mais facilmente quando o material usado no teste é de sujeitos do grupo que elas estão inseridas.

Os resultados da investigação realizada por Elfenbein e Ambady (2002) sugerem que existem certas emoções universais que julgam como provável de serem biologicamente determinadas. Porém, os resultados também evidenciam que a expressão emocional pode perder o significado dependendo da cultura. Existem emoções que parecer ser mais facilmente reconhecidas por indivíduos da mesma nacionalidade, etnia ou grupo regional.

Nos estudos analisados foram utilizadas sete emoções: raiva, alegria, nojo, medo, surpresa, tristeza e contentamento, e uma categoria de positivas ou negativas. Contentamento foi a menos reconhecida nas culturas exploradas. Medo e nojo também foram pouco reconhecidos, e a alegria foi a mais reconhecida. O julgamento de alegria e raiva foi menos afetado devido a pessoas do mesmo grupo que medo e nojo (ELFENBEIN; AMBADY, 2002).

Em relação aos canais não verbais utilizados nos estudos analisados, Elfenbein e Ambady (2002) demonstram que quando são usados estímulos dinâmicos, como vídeo reproduzido, há um decréscimo na concordância de respostas entre pessoas do mesmo grupo, comparados a estímulos estáticos (fotografias de rosto e posturas corporais). Porém, isso não

representa que os estímulos estáticos são melhores, pois também há uma diferença nas várias culturas para as respostas nesses estímulos. Em geral, os estudos que utilizaram a expressão vocal para o reconhecimento de emoções revelaram menor precisão nesse reconhecimento. A alegria foi mais facilmente reconhecida na expressão facial que na vocal, ao contrário de raiva e tristeza que foram melhores reconhecidas na voz que na face. Os resultados a que chegaram indicam que as emoções não perdem todo o seu significado nas diversas culturas, mas perdem alguns. Relacionam que assim como existem dialetos lingüísticos (variações regionais de uma língua em relação à pronúncia, a gramática, a sintaxe e ao vocabulário) que sofrem influência da localização geográfica, da cultura e da sociedade, também podem existir “dialetos emocionais” que variam de acordo com a cultura no modo de expressão e reconhecimento das emoções.

Russel (1991) acredita que existe uma similaridade das emoções mesmo em diferentes linguagens e culturas, mas a forma como se categorizam e nomeiam as emoções variam de acordo com a língua e conseqüentemente com a cultura. Para esse autor a experiência emocional mais do que ser universal, é variável com a cultura em alguma extensão. Nessa perspectiva, o que varia com a cultura são os eventos que giram em torno das emoções como as atitudes, as crenças, e o que desencadeia determinada emoção.

Esse autor levanta pontos contrários à universalidade das emoções. Um diz respeito à definição de emoção, ele questiona o que representa esse termo sozinho sem os eventos que se encontram em torno das emoções nas diferentes culturas. Argumenta que o conceito de emoção não é universal, pois diferentes povos não incluem certas emoções como outros, e oferece vários exemplos. Os japoneses não têm a categoria emoção e nem similar. Na África acontece junção de termos para nomear emoção. Samoas tem uma mesma palavra para nojo e ódio. No Taiti não existe uma palavra para tristeza ou para sentimento de culpa, a palavra que usam também se refere à depressão, cansaço, tristeza, solidão, ou seja, essa palavra está mais

próxima a doença física de que a emoção. Em inglês nojo (*disgust*) refere-se a algo estragado, apodrecido ou a sentimentos de indignação moral. Para os Ifalukianos a palavra *niyabut* refere-se a algo estragado, podre; já para a questão moral existe outra palavra, *song*. Africanos quando se referem à raiva incluem tristeza e os americanos não.

Outro fator desfavorável é que as emoções ditas como básicas em inglês nem sempre têm o equivalente em outras línguas e vice-versa. Só a possibilidade de não haver um equivalente em determinada língua já é um fator importante a considerar. Mesmo quando as palavras são traduzidas por equivalentes, não se pode afirmar com certeza que se referem à mesma coisa, não se pode afirmar que têm o mesmo significado (RUSSELL, 1991).

Para que os estudos transculturais sejam confiáveis, o autor desse tipo de pesquisa necessita ter suficiente familiaridade com a língua e com o povo, precisa ter vivência da vida desse povo, descrever as emoções de dentro da cultura estudada para entender suas particularidades, como por exemplo, uma anedota (RUSSELL, 1991).

Para essa discussão, Russell (1991) assume a posição de que pessoas de diferentes culturas, que falam diferentes línguas categorizam diferentemente as emoções. Mas ele não chegou a um consenso de como as pessoas categorizam as emoções, apesar dos estudos analisados. O que o leva a questionar a universalidade das emoções é o grande número de artigos escritos por etnógrafos sobre diferenças notadas nas palavras sobre emoção, a extensa variação do número de palavras associadas à emoção nas diferentes línguas, a evidência experimental dos equivalentes para tradução da lista previamente elaborada e a pequena diferença entre a linguagem nos indo-europeus e nos não-indo-europeus na categorização das expressões faciais.

Russell comparou vários estudos com método de escolha forçada e analisou, separou em americanos, indo-europeus (França, Alemanha, Espanha, Itália, Portugal, entre outros) e não-indo-europeus (Japão, Malásia, Turquia, entre outros). Não houve concordância de 100%

em qualquer grupo apesar dos escores serem altos. Ser de línguas americanas ou de línguas indo-européias não se mostrou ser um diferencial no resultado dos escores. Nas línguas não-indo-européias houve uma diferença dos outros grupos, a concordância foi mais baixa apesar de ainda ser alta, levando o autor a crer que existe uma diferença cultural maior neste último grupo. Palavras como nojo foram diferentes, os japoneses obtiveram escores mais baixos quando relacionado nojo, raiva e vergonha.

Concluindo, a maior crítica de Russell é quanto aos métodos utilizados nas pesquisas sobre emoções. Refere não considerar um método superior ou mais adequado, mas julga necessário haver uma combinação de métodos testados empiricamente para se obter dados mais seguros.

1.4 Universalidade x Relatividade das Expressões Faciais

Recentemente estudos em psicologia do desenvolvimento têm se preocupado com as origens da compreensão das crianças sobre sentimentos como alegria, tristeza, raiva e medo. O que os seres humanos sentem geralmente são visíveis no rosto através das expressões faciais.

Charles Darwin afirmou em seu consagrado livro *The Expression of the Emotions in Man and Animals* (1872) que existiria uma base inata e universal para as manifestações emocionais e também para reconhecer as expressões faciais ligadas às emoções, ou seja, a criança não seria só capaz de diferenciar uma expressão facial da outra, mas também compreender o seu significado. Essa noção sobre emoção humana permeia até hoje as pesquisas na área. Nos últimos 30 anos, essa discussão reapareceu e desde então diversos estudos vem sendo realizados num esforço de elucidar esse problema.

Murray (1971) relata que crianças surdas e cegas tendem a demonstrar a mesma expressão facial para uma situação, aproximadamente nas mesmas idades que as crianças normais, este fato sugere padrões inatos. Porém, não subjuga o papel da aprendizagem na expressão facial, por exemplo, americanos demonstram surpresa erguendo as sobrancelhas e os chineses põem a língua para fora para expressar a mesma emoção, neste caso o social estaria exercendo efeito em como as emoções são representadas no rosto.

Os estudos sobre universalidade das expressões faciais têm sido bastante influenciados pelo trabalho de Paul Ekman e seus colaboradores. Ele concorda com Darwin que as expressões faciais têm base biológica e realizou várias pesquisas transculturais procurando mostrar que “a mesma aparência facial expressa à mesma emoção independentemente da cultura e que há mais expressões comuns que a simples distinção entre felicidade e infelicidade” (EKMAN, 1975).

As pesquisas de Ekman (1975) englobaram comparações entre treze culturas literárias e duas isoladas e pré-literárias. Seus resultados demonstram que mesmo as pessoas que viviam isoladas, tinham as mesmas expressões faciais e reconheciam as mesmas emoções expressas pela face que a população dos centros mais desenvolvidos, não importando a língua por eles falada. Estes resultados representam um argumento importante a favor da universalidade. Outra conclusão a que ele chegou foi que os povos, em geral, demonstram as emoções através das mesmas expressões faciais, mas quando eles as expressam e com quem as expressam é que variam em cada cultura.

A resposta para o porquê dessa semelhança transcultural ocorre nas expressões ou porque um determinado movimento facial está associado a uma dada emoção ainda representa uma incógnita. Ekman (1975) supõe que

[...] todos os seres humanos partilhem a mesma programação neural, que relaciona músculos faciais com emoções determinadas. Os eventos específicos que ativam uma emoção e as regras para controlar a exibição da emoção são aprendidos e culturalmente variáveis.

Esses primeiros estudos, realizados por Ekman e outros pesquisadores (EKMAN; SORENSON; FRIESEN, 1969; IZARD, 1971; TOMKINS, 1962 *apud* EKMAN, 1999b), foram denominados de “Estudos de Julgamento” nos quais fotografias com diferentes expressões faciais (nojo, surpresa, medo, tristeza, alegria e raiva) eram mostradas a pessoas de diversos países em várias culturas. Se houvesse uma concordância nas respostas, ou seja, se indivíduos de diferentes culturas reconhecessem as mesmas expressões faciais, chegava-se a conclusão da universalidade. Esses estudos foram realizados com lista de emoções predefinidas.

Para Russell (1991) esse tipo de estudo utiliza o método de opção forçada pela existência de uma lista de opções de emoções. Nesse método não se pode precisar a equivalência de conceitos nas diferentes culturas e isso acontece mesmo que 100% estejam

em concordância com o esperado. Os participantes da pesquisa só poderiam responder entre aquelas emoções que estavam listadas, não poderiam falar sobre uma equivalente na cultura deles. Por esse motivo, esse autor julga esse método insensível para o significado preciso dos termos envolvidos. Por exemplo, se houver substituição de alegre por serena, excitada, agradecida ou triunfante, o participante tenderá a marcar o mesmo rosto para expressar alegria, ou seja, se a melhor palavra para definir a figura não estiver na lista, acaba surgindo um consenso entre os entrevistados por outra que puderam achar, às vezes nem tão adequada.

Russell (1989 *apud* RUSSELL, 1991) realizou um estudo em que o primeiro grupo optou por raiva, o segundo por tristeza e o terceiro por deprimido para a mesma fotografia dependendo das alternativas disponíveis na lista. Outra questão que levanta é que a lista de palavras do método de escolha forçada inicia-se em inglês e depois é traduzida, e questiona: se já fosse montada em outra língua, de outra cultura, teria as mesmas palavras usadas no inglês para determinar tais emoções? Por essas considerações, ele conclui que o máximo que se pode tirar deste tipo estudo é que entre pessoas de diferentes culturas existem interpretações similares para expressões faciais (RUSSELL, 1991).

Para rebater essa crítica foram realizados estudos de escolha livre, em que era pedido aos sujeitos investigados que denominassem as emoções expressadas nas fotografias usando suas palavras. Os resultados desses estudos foram semelhantes aos de escolha forçada e mais uma vez sugeria-se a universalidade (EKMAN, 1999b).

Na seqüência, surge o argumento de que esses estudos foram realizados em sociedades alfabetizadas e os sujeitos poderiam estar acostumados com expressões faciais de outras culturas através da televisão, por exemplo. Então foram realizados estudos em sociedades não-alfabetizadas, isoladas, onde existia uma grande probabilidade desse povo não ter entrado em contato com qualquer outra cultura. Como exemplo podemos citar o estudo realizado por Ekman (1967 *apud* EKMAN, 1999b) na Nova Guiné. A forma como esses nativos

expressaram as emoções na face e os resultados dos estudos de julgamento neles voltaram a suportar a universalidade das expressões faciais (EKMAN, 1999b).

Após esses resultados, ocorre o contra-argumento de que os estudos de julgamento demonstram a universalidade de expressões faciais predefinidas, mas não das espontâneas. Na tentativa de superar essa crítica, estudantes americanos e japoneses foram submetidos a assistir filmes, um neutro e outro que induziam emoções, e as expressões faciais que faziam eram filmadas. Em seguida foi pedido para que estudantes americanos identificassem as expressões faciais produzidas pelos japoneses e vice-versa (EKMAN; FRIESEN, 1969 *apud* EKMAN, 1999b). Os resultados satisfizeram novamente os defensores da universalidade das expressões faciais.

Ainda buscando compreender melhor as expressões faciais das emoções não espontâneas, foram realizadas pesquisas com crianças. As crianças, pelo pouco tempo de vida, são pouco expostas às influências da sociedade e são mais espontâneas na expressão de suas emoções, constituindo assim ótima oportunidade de investigação (EKMAN, 1999b).

Vários estudos realizados com bebês (HIATT; CAMPOS; EMDE, 1979; IZARD; HEMBREE; DOUGHERTY; SPIZZIRRI, 1983; IZARD; HUEBNER; RISSER; McGINNES; DOUGHERTY, 1980; GANCHROW; STEINER; DAHER, 1983; STENBERG; CAMPOS; EMDE, 1983 *apud* HARRIS, 1996) confirmam que desde muito novos eles são capazes de produzir expressões faciais diversas apropriadamente em diferentes situações. Isso por si só não determina a base inata das expressões emocionais, já que a criança pode ser capaz de aprender copiando o código universal para manifestar várias emoções.

Informações recentes levam a crer que recém-nascidos são muito bons em reproduzir movimentos faciais. Esse dado levanta a hipótese de que o bebê aprende expressões faciais imitando. É possível que a criança pequena expresse emoção através da face por já terem visto outras pessoas produzindo tais expressões. Porém, não há como a criança imitar

expressões em determinadas situações, como por exemplo, ela nunca viu um adulto ficar zangado porque lhe tiraram um brinquedo ou um doce. Portanto, é mais aceitável que existam certos “evocadores particulares que, de modo mais ou menos automático, evocam expressões emocionais particulares” (HARRIS, 1996, p. 14).

Estudos mostram que bebês agrupam exemplos distintos da mesma expressão (CARON; CARON; MYERS, 1982 *apud* HARRIS, 1996) e que compreendem qual tom de voz corresponde à determinada expressão facial (WALKER-ANDREWS, 1986 *apud* HARRIS, 1996). Essas conclusões reforçam a idéia de Darwin, porém não a confirmam devido ao fato de não mostrarem nada em relação ao significado que as manifestações faciais têm para a criança.

A forma evidente de pesquisar como o bebê reage a diferentes expressões faciais é observar suas reações espontâneas. A impressão, ao se conviver com crianças, é que elas reagem às alterações de expressão emocionais. Se os pais ou um cuidador sorriem e usam uma voz positiva para falar com o bebê, ele responde de forma positiva também. Mas é possível que a criança se acostume com o fato de que quem cuida dela ser sempre amável e fica difícil interpretar esse tipo de reação. É preciso “interromper o fluxo da interação normal e comparar a reação do bebê a duas expressões distintas” (HARRIS, 1996, p. 17) para o reconhecimento de emoções por parte dele.

Há a possibilidade de que bebês novos não compreendam as expressões emocionais, por exemplo, o que significa um sorriso ou uma manifestação de raiva, eles podem apenas imitar a expressão quando se deparam com ela. Mas já há provas que as crianças reconhecem e reagem ao sentido da expressão de quem cuida deles. A partir das dez semanas de idade, eles parecem reagir apropriadamente à emoção manifestada pela mãe (HARRIS, 1996).

Existe um tipo mais complexo de comunicação no qual o adulto não interage diretamente com o bebê, ele exprime um comportamento emocional a algum objeto ou

ocasião do ambiente. Chamado de referencial social foi identificado pela primeira vez por Mary Klinnert e seus colegas (KLINNET; CAMPOS; SORCE; EMDE; SVEJDA, 1983 *apud* HARRIS, 1996). No fim do primeiro ano de vida a criança com atitude indecisa sobre um objeto procura a mãe para receber aprovação ou não. Ou seja, os bebês aproximam-se ou evitam um objeto de acordo com a mensagem emocional transmitida pelo adulto.

Os resultados de estudos com referencial social mostram que as crianças apresentam respostas apropriadas e seletivas a expressões distintas. Em um diálogo social a criança reage adequadamente a uma expressão emocional e também é dirigida pela emoção de um adulto em relação a um objeto ou ocorrências em seu ambiente. Uma interpretação plausível para este tipo de reação é a que o bebê entende a expressão facial do adulto como um comentário sobre o objeto ou a ocorrência. Segundo Harris (1996, p. 23) “a reação emocional de um adulto não tem somente um efeito global sobre o estado do comportamento exploratório de bebê; ela influencia a exploração que o bebê faz de um determinado objeto e exerce sua influência por algum tempo”.

Há possibilidades para entendermos de que modo o bebê compreende a expressão emocional de um adulto. Uma seria a que as expressões faciais de um adulto são seguidas de conseqüências distintas, um sorriso segue atitudes positivas e assim por diante. Outra estaria ligada à imitação. Essas hipóteses são contrárias à concepção darwiniana de que o reconhecimento das emoções é inato. Para Harris (1996, p. 24) “é muito possível que o bebê tenha um reconhecimento inato de significado da emoção, mas sem que haja uma excitação correspondente”. A partir dos dois anos de idade, as crianças respondem de forma apropriada à emoção de um adulto mesmo que sem compartilhá-la.

Portanto, existem indicações de um reconhecimento do significado das emoções de forma muito precoce, ou até inato. Com um ano de idade a criança é capaz de conceder

significado a expressões emocionais particulares, mesmo que de forma não especializada. Também é capaz de relacionar essas emoções a objetos (HARRIS, 1996).

Para Ekman (1999b) outra evidência da universalidade das expressões faciais é a continuidade das espécies. Nessa área procura-se determinar se nossos antecedentes primatas possuíam expressões faciais semelhantes às dos humanos (CHEVALIER-SKOLNIKOFF, 1973; FOLEY, 1938; KLINEBERG, 1940; REDICAN, 1982 *apud* EKMAN, 1999b). Foram realizados estudos com chimpanzés, primatas mais próximo do homem, nos quais era pedido a humanos que identificassem em fotografias emoções expressadas por esses animais. Os resultados foram favoráveis a universalidade, pois se as emoções são resultado da seleção natural que resultou na evolução das espécies, a universalidade das expressões faciais é inquestionável (EKMAN, 1999b).

Diante do exposto Ekman (1999b) concluiu que o universal nas expressões faciais é a relação entre comportamentos faciais particulares e emoções específicas. Mas nem sempre isso ocorre quando as pessoas sentem emoções, pois as mesmas são capazes de esconder suas emoções, até certo ponto, e também podem “produzir” expressões de emoções que na verdade não estão experienciando. Ainda não são certas quantas expressões faciais diferentes são universais para cada emoção, por exemplo, para a emoção medo existem evidências que a expressão facial correspondente pode ou ter a boca aberta. Observações demonstram que para alegria, raiva, nojo, tristeza e medo/tristeza há uma expressão facial única para cada uma dessas emoções, porém o medo e a tristeza só são diferenciados em sociedades alfabetizadas (EKMAN, 1999b).

O autor também admite haver diferenças nas expressões faciais associadas às emoções. Uma primeira seria relacionada à linguagem, mais especificamente as palavras, nem sempre uma língua disponibiliza palavras para expressar determinada emoção. Outra relata que nas diversas culturas deve haver diferenças no significado das pessoas sobre suas próprias

emoções e sobre as dos outros (chama de “filosofia de meta-emoções”). E por último, pontua que diferentes culturas podem diferir nos eventos que induzem a uma emoção, por exemplo, nem todos humanos sentem nojo ao pensar em comer um gato (EKMAN, 1999b).

Sobre esse assunto Russell (1991) assume a posição de que, sob condições de experimento, o mesmo estado emocional é manifestado com as mesmas expressões faciais em qualquer pessoa, de qualquer cultura. Para ele a manifestação é a mesma, mas como as diferentes culturas caracterizam os estados emocionais manifestos é que difere. Existe uma grande similaridade, mas nem sempre uma identidade entre a forma como as emoções comunicadas pelas expressões faciais são categorizadas.

No intuito de contribuir para essas discussões destacaremos a emoção de nojo, já que conforme observaremos nos resultados, não seguiu o padrão esperado por diversos autores.

1.5 Emoção de Nojo (em inglês *disgust*)

Em sua concepção mais simples, nojo refere-se a algo desagradável ao paladar. Se analisarmos a palavra *disgust*, “*gust*” significa “gosto” ou “paladar” e o prefixo “*dis*” realiza nexos no português a “des” com sentido de negação. Nessa perspectiva é explicável que o nojo se manifeste principalmente com movimentos ao redor da boca (DARWIN, 2004). Porém, pode estar relacionado a outros sentidos, como Darwin (2004, p. 237) relata:

Refere-se a algo repulsivo, primariamente relacionado ao sentido da gustação, seja isso realmente sentido ou vividamente imaginado; e secundariamente relacionado a qualquer coisa que cause um sentimento similar por meio do sentido do olfato, do tato e mesmo da visão. Entretanto, o desprezo extremo que se mistura à repugnância, pouco difere do nojo.

Essa descrição de Darwin nos reporta ao que já foi analisado neste trabalho sobre emoção, pois o nojo pode ser desencadeado por algo concreto, por algo que esteja na memória, por questões inatas e por questões transmitidas pela cultura. Ainda engloba a concepção moral de algo que nos repugna.

Darwin (2004, p. 242) diferencia a forma como o nojo se expressa, se de forma moderada ou extrema,

[...] o nojo moderado é demonstrado de diversas maneiras; abrindo-se a boca, como para deixar cair um pedaço desagradável de comida; cuspidando; soprando com os lábios protraídos; ou pelo som de se limpar a garganta. Esses sons guturais se escrevem *agh* ou *ugh*; e são às vezes acompanhados de um arrepio, os braços apertados contra a lateral do tronco, e os ombros levantados como ao ficarmos horrorizados. O nojo extremo é manifestado com movimentos em volta da boca, idênticos àqueles que preparam o ato de vomitar. A boca se abre totalmente, com o lábio superior fortemente retraído, o que enruga as laterais do nariz, e com o lábio inferior protraído e evertido tanto quanto possível.

Em algumas pessoas a simples idéia de comer algo pouco usual induz rapidamente a ânsias e vômitos mesmo que fisiologicamente não haja nada que empeça o organismo de aceitar tal comida, como por exemplo, a carne de um animal que geralmente não se come. Para essa ação reflexa pode-se fazer uma analogia com os animais, pela capacidade de expelir voluntariamente alguma comida que por algum motivo rejeitassem. Considerando a evolução das espécies, essa capacidade de regurgitar, mesmo que atualmente seja involuntária, é evocado por qualquer coisa que deixe o ser humano enjoado (DARWIN, 2004).

Essas idéias deixam clara a abordagem inata de tal emoção para esse autor, como relata ter observado o nojo no rosto de um bebê de cinco meses de idade demonstrado por movimentos na face e reação fisiológica (estremecimento), além da protrusão da língua. Esse último considerado um sinal universal. Descreve também que o nojo é universal devido aos movimentos da face e outros gestos serem idênticos em vários povos ao redor do mundo (DARWIN, 2004).

Fenichel (1981) aborda o nojo sob uma concepção psicanalítica, e afirma que a precursora dessa emoção é uma síndrome arcaica de defesa fisiológica automática quando algo que cause repugnância entre em contato com o trato digestivo. No bebê isso leva ao ato de cuspir, pois o pré-ego faz a criança interpretar como algo que não é comestível. Posteriormente, o ego reforçado usa esse reflexo como mecanismo de defesa.

Para Miller (1997) o nojo deve necessariamente repelir e ultrapassa a relação com o paladar envolvendo todos os outros sentidos, sendo a audição o que desperta mais dificilmente o nojo. Esse autor considera que fatores de ordem política, social, moral e cultural também despertam nojo. Nesse sentido o nojo é humanizante por ser uma experiência sensorial que envolve todos os sentidos de forma súbita.

Classifica o nojo em dois tipos. Um chama de freudiano, quando o nojo age como um impedimento à realização de desejos inconscientes relacionando à moral e à vergonha para

conter o instinto sexual, ou seja, o nojo impediria a aproximação ao que repugna mesmo que haja uma vontade. O outro tipo refere-se ao nojo por excesso, ele é desencadeado após se cometer ou pensar em cometer exageros relacionados à comida, a bebida ou a relações sexuais (MILLER, 1997).

Torres e Guerra (2003) referem que o nojo pode ser desencadeado como resposta a algo físico ou psicologicamente deteriorado, porém estando mais relacionado ao instinto e processo neuroquímicos. Consideram os alimentos potenciais desencadeadores físicos do nojo e do psicológico, situações ou indivíduos moralmente aversivos. Relatam que essa emoção está ligada ao desprezo, a raiva e a tristeza (TORRES; GUERRA, 2003).

Quando discutimos a existência das emoções básicas observamos que muitos autores (DARWIN, 2004; EKMAN; FRIESEN; ELLSWORT, 1982; IZARD, 1971; MCDUGALL, 1926; OATLEY; JONHSON-LAIRD, 1987; PLUTCHIK, 1980; TOMKINS, 1984 *apud* ORTONY; TURNER, 1990) consideram o nojo uma emoção inata e universal.

Na tentativa de contribuir para os estudos sobre emoções, analisaremos os casos das chamadas “crianças selvagens”, seres humanos privados de convívio social. Esses casos podem nos oferecer subsídios sobre aspectos referentes a emoções como, por exemplo, questões sobre se são inatas, universais, adquiridas através de outros da espécie, entre outros.

2 CRIANÇAS SELVAGENS

A lenda mais antiga conhecida é a dos gêmeos Rômulo e Remo. Abandonados em um cesto nas águas do Rio Tibre, eles foram salvos por uma loba, que os amamentou e os viu crescer. Adulto, Rômulo matou Remo e, em seguida, fundou Roma oito séculos antes de Cristo. Recentemente a lenda voltou aos noticiários devido ao anúncio de que o arqueólogo italiano Rodolfo Lanciani encontrou a gruta na qual os irmãos foram aleitados pela loba, de acordo com a crença dos antigos romanos. Ela foi localizada a 16 metros de profundidade, debaixo das ruínas do palácio de Otávio Augusto, o primeiro imperador romano, numa das encostas do Palatino, uma das sete colinas de Roma (*Revista Veja, edição 2036, 28 de novembro de 2007*).

O primeiro caso relatado data do ano de 250 quando o historiador Procopius narrou ter visto na Itália uma criança que, deixada por sua mãe, foi cuidada por uma cabra. A criança foi chamada de Aegisthus. É sabido também, da existência de um menino-lobo da Lituânia, encontrado no final do século XVII (*www.feralchildren.com*).

Outro caso conhecido é o de Peter, um menino de 13 anos encontrado em uma floresta perto de Anuir na primavera de 1726. Teve como protetores o Príncipe e a Princesa de Gales obtendo assim, contato com intelectuais. Após, foi entregue aos cuidados de um famoso médico escocês, Dr. John Arbuthnot. Peter não aprendeu a falar, embora pronunciasse monossílabos. Ao contrário da maioria das crianças em situação semelhante, ele viveu bastante depois de ter sido encontrado, vindo a falecer em 1775. Na época, as crianças selvagens eram vistas por muitos com a imagem inversa de fantasmas vistos como “almas sem corpos”, elas seriam “corpos sem almas” (NEWTON, 2002).

Outro caso documentado é de Memmie Le Blanc que foi encontrada na região de Champagne em 1731, aos 10 anos de idade, usando um colar, vestida com uma pele de animal

e não entendia francês. Teve como cuidador o Visconde d'Épinoy e após sua morte, viveu em conventos. Logo desconfiaram que ela não se perdera na floresta em idade muito nova, pois aprendeu a falar francês fluentemente. Vários intelectuais se interessaram por sua história, o mais famoso foi James Burnett. Para ele a linguagem era uma aquisição social, e questionou se Memmie podia ser considerada humana enquanto ficou perdida na floresta, pois chegou a ponto de esquecer sua língua materna (MASSINI-CAGLIARI, 2003).

No ano de 1800, em uma floresta no Sul da França, foi encontrado um menino nu, aparentando ter entre 12 e 15 anos de idade, mudo e parecendo ser surdo. Apenas emitia grunhidos e sons estranhos, não interagia, cheirava tudo que levava as mãos e andava de quatro. Antes de ser levado à civilização, já era visto por camponeses e caçadores perambulando pela floresta à procura de alimentos, resistia a qualquer contato fugindo. Ficou conhecido como Victor de Aveyron, seu caso apresenta farta documentação e relatos precisos e detalhados (GONÇALVES; PEIXOTO, 2001).

A repercussão deste acontecimento é grande e as autoridades discutem para definir de quem era a responsabilidade do menor. De início vai para o abrigo de Saint Affrique, destinado a doentes e indigentes, onde ficou por um mês sem cuidado especial. Posteriormente, é levado a Escola Central de Rodez sob os cuidados de um renomado professor de História Natural, Bonnaterre. Chega a Paris em agosto do mesmo ano, encaminhado ao Instituto Nacional de Surdos-Mudos onde teve contatos com médicos, filósofos e naturalistas famosos da época, entre eles Philippe Pinel que escreveu o relatório de maior importância. Seu diagnóstico era de que o menino fora abandonado por ser idiota e não haveria condições de educá-lo. Jean-Marc-Gaspard Itard, jovem médico, ex-aluno de Pinel, se interessou pelo garoto e tinha opinião contrária à de seu mestre. No Instituto, o Selvagem de Aveyron passava os dias pelos jardins e as noites trancado em um quarto, foi tentado ensiná-lo a língua de sinais sem sucesso.

Itard acreditava ser possível educar e (re) integrar o garoto à sociedade, defendendo que o estado em que ele se encontrava tinha como causa a privação do contato social. Assim, com permissão do governo que custeava as despesas do menor, Itard se responsabiliza por sua educação com o intuito de torná-lo membro da sociedade. Contou com a ajuda da governanta madame Guérin. Apesar de todo esforço, Victor não conseguiu aprender a falar e continuou semi-selvagem. Faleceu em 1828, com aproximadamente quarenta anos de idade (BANKS-LEITE; GALVÃO, 2000).

Mais um caso interessante é o de Kasper Hauser. No dia 26 de maio de 1828 em Nuremberg, ele apareceu pela primeira vez, já rapaz, mal sabia andar e só pronunciava uma frase. Teria passado toda sua infância em um porão subterrâneo, isolado do contato com humanos. Muito se questionou sobre a sua origem, tido por alguns como um pobretão esperto e por outros como puro e ingênuo (incluindo os que o abrigaram). Quando encontrado, apresentou comportamento lingüístico escasso, mas conseguiu adquirir o alemão com facilidade tendo, inclusive, escrito suas próprias memórias. Foi misteriosamente assassinado em 14 de dezembro de 1833 (NEWTON, 2002).

Amala e Kamala são conhecidas como as meninas-lobo. Encontradas em 1920, em um vilarejo a sudoeste de Calcutá pelo reverendo Singh que havia sido chamado para exorcizar fantasmas. Ao chegar, descobriu que se tratava de duas meninas, aproximadamente oito anos a mais velha, e um ano e meio a mais nova, que viviam com um grupo de lobos. Não apresentavam afetividade, tendo Kamala, a mais velha, chorado apenas quando Amala morreu vítima de uma grave diarreia.

As crianças não tinham senso de humor, tristeza, curiosidade, nunca riam e nem se afeiçoavam a outras pessoas. Segundo o casal Singh, Kamala se comportava como um bebê, não falava, mas aos poucos começou a entender palavras e passou a pronunciar algumas delas. Foi inspiração para o personagem Mowgli, de Rudyard Kipling. Após oitos anos sua

saúde começou misteriosamente a declinar e veio a falecer em 1828 (MASSINI-CAGLIARI, 2003).

Outro episódio surpreendente foi o de Genie, cujo nome verdadeiro é Susan, descoberta em Los Angeles no ano de 1970. Durante uma febre forte, quando tinha quatorze meses de idade, foi diagnóstica erroneamente como retardada. Com ciúmes da atenção dispensada pela mãe à criança, o pai usou como desculpas o diagnóstico para mantê-la amarrada a uma cadeira dentro de um quarto trancada nos fundos da casa, aonde mal chegavam estímulos auditivos ou visuais. O pai não falava com a menina e a mãe, cega, sob ameaça do marido, também não. Permaneceu assim até aos treze anos de idade. Ao ser encontrada, Genie entendia apenas poucas palavras e possuía um conjunto próprio de frases. Embora não tenha chegado ao nível de desenvolvimento esperado por Susan Curtiss, lingüista que realizou sua tese de doutorado com esse caso, Genie acabou se tornando uma usuária da língua inglesa (NEWTON, 2002).

Em 2005 na Índia surgiu outro caso de privação de convívio social. Annapurna Sahu, 43 anos, ficou confinada por 25 anos. Seu irmão mais velho, de religião mulçumana, a escondeu porque achava que sua irmã era portadora de deficiência mental e o atrapalhava a se casar. Quando ela foi libertada, falando normalmente, ficou comprovado que não apresentava deficiência mental (www.feralchildren.com).

Outros casos relatados são os de Rochom P'ngieng e Anja W encontradas em 2007 (Feral Children). A primeira se perdeu na selva do Camboja aos oito anos de idade quando agrupava búfalos, foi descoberta dezoito anos depois em 13/01/2007. Não falava linguagem inteligível, não gostou de usar roupas ou tomar banho, e assim segue tendo dificuldade de se reajustar a vida normal.

Anja W foi mantida em cativeiro, desde o nascimento, por sua própria mãe que temia que as autoridades não permitissem que a criança permanecesse sob seus cuidados devido às

condições precárias da fazenda que vivia em Bayersried, Alemanha. Foi encontrada em 18/06/2007 por duas crianças que notaram um rosto na janela durante o caminho para escola. Anja, sete anos, encontra-se num hospital infantil, apresenta discurso bastante limitado dizendo apenas “hallo” e “mama” e parece sofrer de nanismo psicossocial.

O site especializado em “crianças selvagens” contém uma lista de mais de 120 casos, sendo três encontrados ainda em 2008. O chamado “Garoto-passáro da Rússia” foi encontrado em 29/02/2008 em Kirovsky, Volgogrado na Rússia. Desde o nascimento esse menino foi confinado em um pequeno apartamento de dois quartos, por sua mãe, rodeado por gaiolas de pássaros. Permaneceu nessa situação por sete anos, não aprendeu a falar, em vez disso, imita o canto dos pássaros (www.feralchildren.com).

Outro caso recente é o de Jason Lopez. Ele foi enclausurado em um quarto escuro, por seus pais, entre os quatro e os nove anos de idade. Foi encontrado desnutrido, pesando oito quilos, com aparência de uma criança de dois anos, em 03/04/2008 em López Arellano, Honduras. Jason não andava e nem falava. Como em outros casos de “crianças selvagens” existe a dúvida se a causa do confinamento era alguma deficiência pré-existente ao cativo. As pessoas sabiam da existência de Jason, mas não interviam por medo da família do garoto (www.feralchildren.com).

O último caso relatado no *site* www.feralchildren.com, foi o “bebê de Bihar”, um fato temporário. Essa menina sem nome foi provavelmente abandonada pela mãe em um monte de lama. Encontrada em 22/04/2008 em Bihar na Índia, foi descoberta por cães, que ficaram ladrando ao seu redor. Essa criança está em processo de adoção por um casal.

A situação-limite em que se encontraram as pessoas dos relatos acima permite aprofundar estudos sobre os efeitos da privação do contato social sobre o desenvolvimento humano. No que diz respeito às emoções essas “crianças selvagens” podem contribuir para a

discussão sobre sua natureza e sobre sua universalidade, já que podem ser testadas teorias a favor e contra esses aspectos.

3 O CASO DOS “GORILINHAS”

No início dos anos 90 foram encontradas em determinada cidade do sertão de Pernambuco duas crianças que cresceram em um curral de varas na companhia de suínos no quintal de uma casa da periferia. Por ocasião de preservar a identidade dessas crianças foram lhes dado o pseudônimo de Pedro e João (orientação dada pelo tutor). O mais velho nasceu em 02 de fevereiro de 1981 e o mais novo em 06 de novembro de 1987.

O pai desses meninos, após a morte da mãe deles, casou-se novamente. Devido ao seu trabalho como motorista de caminhão de bebidas passava a maior parte do tempo fora de casa. As crianças ficavam sob os cuidados da madrasta, que as colocaram no curral de varas. Segundo vizinhos, Pedro estava com aproximadamente sete anos de idade e João com menos de um ano. O pai afirma que eles só ficavam no curral de dia, mas os vizinhos relatam que as crianças passavam dias e noites lá com o conhecimento dele.

Uma empregada doméstica guardava restos de comidas, frutas e legumes que não serviam mais para consumo da casa onde trabalhava e levava o que juntava para “os gorilinhas”, como eram conhecidas essas crianças. Ao ser questionada sobre esse assunto, relatou-o para a dona da casa que ficou perplexa com a história.

O caso repercutiu no fórum da cidade, onde um servidor público e sua esposa foram verificar o ocorrido. Chegando lá constatou que eram duas crianças nuas, famintas e “perecendo animais”. O delegado de polícia ao tomar conhecimento deste fato, denunciou ao Ministério Público, que determinou a prisão provisória do pai e da madrasta.



Figura n. 01 – Curral onde Pedro e João foram confinados, extraído de Lima (2006)

Uma vizinha que conviveu com a mãe e com as crianças antes do cativeiro, em entrevista, relatou que os meninos eram bem tratados e “normais”. Outra vizinha que convivia com a madrasta, morando na casa ao lado da que se localizava o curral, afirma que a mesma dizia que os menores “não eram gente, eram bicho” e por isso ficavam trancados. Há suposições de esta madrasta pratica magia negra (relatado pela vizinha).

Segundo o processo público (em anexo), as duas crianças foram encontradas no dia 06 de setembro de 1994, nas seguintes condições: a) inteiramente despidas; b) em estado miserável; c) trancadas em um curral de varas; d) desnutridas e famintas (LIMA, 2006). O mais velho, Pedro, encontrava-se com treze anos e pesava treze quilos; João, com sete anos, pesava onze quilos.

A cidade toda comentou o caso, mas ninguém, nem qualquer instituição aceitaram cuidar deles. Então o denunciante resolveu assumir a responsabilidade desses meninos e tornou-se o tutor dos mesmos e sua esposa a tutora.



Figura n. 02 – Pedro ao se retirado do cativoiro em 1994, extraído de Lima (2006)



Figura n. 03 - João ao se retirado do cativoiro em 1994, extraído de Lima (2006)

Ao serem levados para a casa do tutor, logo após o resgate, se negavam a dormir em camas, queriam ficar perto do muro no escuro. Não tinham qualquer noção de higiene fazendo seus excrementos no quarto em que dormiam; após o banho se sacudiam como animais para retirar a água do corpo. Comiam de forma exagerada, qualquer coisa que fosse oferecido, não usavam pratos ou talheres, jogavam tudo no chão e comiam com as mãos. Também apresentavam comportamento agressivo com os outros e entre eles, brigando por comida chegando a sangrar devido a ferimentos feitos um no outro.

Eram mudos, não falavam uma única palavra, emitiam apenas grunhidos. As unhas pareciam nunca terem sido cortadas, a pele era escura queimada pelo sol e áspera (como uma crosta), coçavam a cabeça e o corpo como animais, andavam com os pés e as mãos, o olhar era vago, mas pareciam preservar a audição.

Pedro e João apresentavam cabeça pequena (microcefalia), olhos com maior distância lateral um do outro, crescimento mandibular a se caracterizar como prognatismo, mãos continuamente com as palmas voltadas para trás, postura corcunda e marcha parcialmente equilibrada (LIMA, 2006).

Esses garotos passaram sete anos privados de convívio social. Estiveram por um período na APAE da cidade onde moram, mas não foi possível a permanência deles lá devido à falta de normas culturais, principalmente as sexuais.

Nesses anos de ressocialização eles conseguiram se adaptar (ou readaptar) a algumas normas da nossa cultura, como dormir na cama, usar roupas, comer na mesa e usar uma colher. Porém ainda apresentam algumas peculiaridades.

Pedro veio a falecer em 19 de agosto de 2007, aos vinte e seis anos de idade, tendo no atestado de óbito como causa morte súbita, a cuidadora relatou que o mesmo encontrava-se “fraco”, tendo se internado por duas vezes naquele ano para receber sangue devido à anemia crônica que possuía. Antes de morrer apresentava sérias dificuldades de interação com

isolamento social, não falava e não gesticulava, realizava movimentos estereotipados deslocando o corpo para frente e para trás. Comparando ao tempo que foi encontrado no cativeiro apresentou evolução em relação ao andar, não ficando totalmente ereto, mas era bípede e se equilibrava melhor ao realizar movimentos. Não fazia uso de privada, realizando seus excrementos na roupa. Demonstrava lentidão na fase oral da deglutição. Em relação à sexualidade, demonstrava-a esfregando os órgãos genitais na parede, colchão ou em objetos, chegando a feri-los, mas não manifestava desejo por ninguém.

João, hoje com vinte anos, diferentemente de Pedro, busca interação social e se comunica. Compreende o significado de alguns objetos e gestos, porém não se pode afirmar se compreende o mundo abstrato. Verbaliza palavras com articulação pobre, apresentando omissões, trocas e substituições de fonemas e vocabulário limitado para sua idade. Não anda mais encurvado, ficando em posição ereta, inclusive participando de brincadeiras e jogos como o futebol. Quando freqüentava a APAE fazia suas necessidades fisiológicas no banheiro, contudo em casa, as realiza na área externa próxima ao muro. Demonstra sexualidade sem censura e sem pudor ou sentimento de vergonha, manifestando desejo, a cuidadora chegou a dar-lhe o adjetivo de “tarado”. Hoje ele mora com uma cuidadora e sua família em uma casa comprada pelo tutor para os dois.

Ambos apresentavam comportamento agressivo na APAE mordendo as pessoas do seu convívio na instituição, e João ainda batia nos colegas quando frustrado de alguma forma. Pedro permitia que os outros mostrassem afetividade para com ele, mas só demonstrava carinho com a cuidadora. Já João demonstra afetividade abraçando e beijando quem participa do seu meio social.

João participou do velório de Pedro, acariciou seu rosto e chorou. Segundo relato da cuidadora ficou triste no dia, porém passado o acontecido não pergunta pelo irmão e nem fala nele. Voltou a freqüentar a APAE, pois as professoras resolveram aceitá-lo de volta após a

morte do irmão para que o mesmo não se sentisse sozinho, contudo ainda demonstra agressividade com as crianças e educadores da instituição.

Esses dois jovens adultos são os participantes de nossa pesquisa.

4 OBJETIVOS

4.1 Objetivo Geral

Analisar as expressões emocionais em sujeitos com privação extrema de convívio social no sentido de se produzir evidência útil para o estudo do desenvolvimento das emoções e o debate acerca da sua universalidade ou relatividade.

4.2 Objetivos Específicos

- Identificar o comportamento manifesto pelos sujeitos, a emoção esperada e a emoção demonstrada para a devida situação.
- Verificar a congruência das emoções expressadas com as esperadas.

5 MÉTODO

A presente pesquisa é um estudo de caso, de caráter exploratório. Foi realizada a partir do material colhido pela Mestra em Ciências da Linguagem (UNICAP, 2006) Fernanda Gabrielle Andrade Lima, pois a mesma possui autorização do tutor dos sujeitos para obter o material que foi usado na sua dissertação, que consta de entrevistas e vídeos com Pedro e João.

5.1 Participantes

Os sujeitos desse estudo são Pedro e João, pseudônimos usados com a finalidade de preservar suas identidades. Esses dois jovens foram privados do convívio social por aproximadamente sete anos, ficando confinados em um curral de varas com suínos. Pedro foi colocado no cativeiro com seis / sete anos e João aproximadamente um ano de idade.

O mais velho Pedro se estivesse vivo teria vinte e sete anos de idade, porém infelizmente veio a falecer ano passado. João encontra-se com vinte anos de idade, continua morando na casa com os cuidadores e devido à morte do irmão voltou a frequentar a APAE.

Os outros participantes são as pessoas entrevistadas para que fosse possível relatar os fatos relacionados a esse caso.

5.2 Materiais

As entrevistas foram registradas em áudio, através do gravador Panasonic e fita cassete. Os vídeos foram registrados através da filmadora digital da marca Sony, modelo DCR-PC 110NTSC, *Intelligent Flash*, fita mini Dv de 90 minutos. As fotos foram tiradas pela máquina digital da marca Cânon, modelo *Power Shot SD 200*.

5.3. Procedimentos

As entrevistas foram realizadas de forma espontânea visando obter a história de vida dos sujeitos. Foi entrevistado o pai e uma vizinha da casa onde os sujeitos moravam quando a mãe ainda era viva, antes do cativo. Também foram entrevistadas pessoas que conviveram com Pedro e João logo após a saída do curral, sendo eles o tutor, a tutora, a empregada doméstica dos tutores (primeira pessoa a cuidar deles), as professoras e a diretora da APAE na época em que eles a freqüentavam, a atual cuidadora e seu marido.

Os registros videográficos foram obtidos através de observação espontânea dos sujeitos e interações com a pesquisadora Fernanda Gabrielle Andrade Lima (que tinha a autorização dos Tutores), com alunos e professores da APAE, com os moradores da casa onde eles viveram. São oito registros em DVDs com total de aproximadamente cinco horas e onze minutos, sendo assim divididos:

DVD	PERÍODO	TEMPO	LOCAL	SITUAÇÃO
DVD 1	24/10/2002 (Sessão 1)	00:17:09	APAE	Observação espontânea com professoras e alunos
	25/10/2002 (Sessão 2)	00:09:21	APAE	Numa mesa com papel e lápis interagindo com a pesquisadora
DVD 2	15/11/2004 (Sessão 3)	00:26:00	APAE	Observação espontânea com professoras e alunos
DVD 3	07/10/2005 (Sessão 4)	00:48:45	Residência	No terraço com a cuidadora e a pesquisadora
DVD 4	07/10/2005 (Sessão 5)	01:00:50	Residência	Pedro almoça na mesa e João interage com a pesquisadora
DVD 5	08/10/2005 (Sessão 6)	00:10:47	Residência	No terraço de casa com a cuidadora, a pesquisadora e um espelho
DVD 6	24/11/2005 (Sessão 7)	00:24:36	Residência	No terraço com a cuidadora e pesquisadora
	25/11/2005 (Sessão 8)	00:38:00	Residência	Pesquisadora leva presentes (brinquedos) para os sujeitos
DVD 7	25/11/2005 (Sessão 9)	00:22:27	Residência	Pesquisadora interage com sujeitos através de brinquedos
DVD 8	31/03/2007 (Sessão 10)	00:50:27	Residência	Pesquisadora interage com fotografias

Tabela n. 02 – Conteúdo dos DVDs analisados

No DVD 1 tem duas sessões, a primeira realizada no dia 24/10/2002, os participantes encontram-se nas dependências da APAE interagindo com as professoras e outros alunos da instituição, a pesquisadora apenas filma as reações espontâneas deles. A sessão 2

correspondeu ao dia 25/10/2002 na qual a pesquisadora encontra-se sentada numa mesa com folhas de papel e lápis de cor pedindo para eles escreverem, pintarem, fazendo perguntas.

O DVD 2 representa a sessão 3, realizada no dia 15/11/2004, novamente na APAE, corresponde à filmagem das reações dos participantes com alunos e professoras.

A sessão 4, DVD 3, dia 07/10/2005, acontece na residência em que os dois moram com a cuidadora e seu marido, custeada financeiramente pelo tutor. A pesquisadora e a cuidadora interagem com eles e são oferecidos presentes (brinquedos) pela pesquisadora.

Na sessão 5, correspondente ao DVD 4, dia 07/10/2005, Pedro passa a maior parte do tempo almoçando na mesa da cozinha. João interage com a pesquisadora através da passagem da filmagem em tempo real na televisão.

No DVD 5, sessão 6, os participantes encontram-se diante de um espelho, a cuidadora e a pesquisadora interagem com eles fazendo perguntas.

O DVD 6 consta de duas sessões. Na sessão 7 em 24/11/2005, os sujeitos estão no terraço de casa interagindo com a cuidadora e a pesquisadora, através de brinquedos, de música e de fotografias tiradas anteriormente deles. A sessão 8 foi realizada em 25/11/2005, a pesquisadora leva brinquedos e interage através deles (violão e pandeiro de brinquedo, e miniatura de animais).

O DVD 7 é uma continuação do DVD 6, representa a sessão 9 em virtude de ter sido outra seqüência de filmagem que foi realizada no mesmo dia (25/11/2005).

Finalmente, no último DVD, número 8, sessão 10, dia 31/03/2007, a pesquisadora leva fotografias de objetos do cotidiano dos participantes (bola, flor, carro, livro, lápis de cores e telefone) e fotografias de uma mulher expressando diversas emoções (alegria, tristeza, medo, raiva, surpresa e nojo) na tentativa de obter algum dado de reconhecimento de emoções, o que não foi possível devido às inúmeras limitações dos participantes.

Esses DVDs foram analisados e deles foram extraídos uma tabela com as situações geradoras de emoção, o comportamento manifestado pelos sujeitos, a emoção esperada e a emoção expressada para a tal situação. Cada dia de filmagem correspondeu a uma sessão, e foram feitas tabelas separadas para os dois irmãos.

O conteúdo das referidas tabelas (anexo 2) foi analisado por dois juízes que assistiram os registros. Cada juiz emitiu parecer de acordo ou desacordo de dada situação examinada. Por exemplo, na situação geradora de emoção “recebimento de presentes”, os comportamentos manifestos foram “euforia, sorriso, abraça os presentes”, a emoção esperada e a expressada seria “alegria”. Os juízes deveriam examinar o vídeo que correspondia a essa situação e julgar se a emoção expressa correspondia à esperada. Os desacordos foram discutidos e foi chegado a um consenso.

A pesquisa inicial que derivou esta foi aprovada pelo Comitê de ética em Pesquisa do Centro de Ciências da Saúde desta Universidade (CEP/CCS/UFPE), de acordo com Protocolo de Pesquisa nº 071/2005 – CEP/CCS, autorizando a coleta do material trabalhado no presente estudo.

6 RESULTADOS

- Cronograma das Interações

Os dados de Pedro e João estão distribuídos da seguinte maneira: ao todo foram catalogadas 76 situações geradoras de emoção para os dois irmãos, sendo 11 situações (14%) em 2002, 05 situações (7%) em 2004, 52 situações (68%) em 2005 e 08 situações (11%) em 2007.

- Emoções Esperadas e Observadas

As emoções esperadas e as observadas estão listadas na Tabela n. 03, nela consta a percentagem de aparecimento das mesmas nos diferentes sujeitos. A categoria nenhuma foi utilizada onde os juízes acordaram que os participantes da pesquisa eram receptivos, indiferentes ou estavam em concordância com a dada situação analisada. Foi resolvido colocar nenhuma emoção, pois estes julgamentos nos remetem a automatismo ou mecanicidade e não a uma emoção. Por exemplo, para situação geradora de emoção “a pipoca está no chão”, o comportamento de João é “pegar do chão e comer”, era esperada a emoção de nojo, porém ele é indiferente e come a pipoca, como “indiferente” não é uma emoção, consideramos que a emoção expressada foi “nenhuma”. Da mesma forma, quando Pedro tem como situação “irmão tenta brincar com ele (coloca telefone de brinquedo no seu ouvido)”, era esperado que ele demonstra-se alegria, mas o seu comportamento manifesto foi “não esboça reação”, ou seja, foi julgado que ele era receptivo a situação, pois permitiu que o irmão colocasse o telefone no seu ouvido, porém não expressou a emoção esperada, então, não houve expressão da emoção e utilizamos “nenhuma”. Em outro exemplo, a pesquisadora que

coletou o material pediu para ele alguns animais de brinquedo que estavam sendo utilizados para a interação, seu comportamento foi negar, segurando todos para si, ele teve como emoção observada “egoísmo”, mas neste caso esperava-se que o mesmo concordasse com o que havia sido pedido, então, a emoção esperada correspondeu a “nenhuma”.

Tabela 3. Comparação (Teste Canônico da Diferença Entre Proporções) entre João (41 interações) e Pedro (35 interações) quanto às emoções esperadas e observadas.

Emoção	Esperada			Observada		
	João	Pedro	p	João	Pedro	p
Alegria	46%	66%	0,09	41%	43%	0,90
Afeto	10%	11%	0,82	10%	3%	0,23
Prazer	0%	3%	0,28	2%	6%	0,47
Surpresa	2%	0%	0,36	2%	0%	0,36
Curiosidade	2%	0%	0,36	2%	0%	0,36
Raiva	10%	6%	0,52	7%	14%	0,33
Ciúmes	5%	6%	0,87	10%	3%	0,23
Egoísmo	5%	0%	0,19	10%	0%	0,06
Vaidade	2%	0%	0,36	7%	0%	0,11
Nojo	2%	0%	0,36	0%	0%	
Vergonha	7%	0%	0,11	2%	3%	0,91
Nenhuma	7%	9%	0,84	5%	29%	<0,01

Pode-se observar que na emoção alegria esperada Pedro apresentou uma percentagem (66%) marginalmente significativa maior ($p<.09$) do que João (46%). Já em relação ao egoísmo como emoção observada, foi verificado que João obteve a percentagem marginalmente maior (10%) do que Pedro (0%). Ou seja, houve uma maior expressão desta emoção em João que em Pedro ($p<.06$)

Em relação a nenhuma emoção houve percentagem bem maior para Pedro (29%) do que para João (5%), demonstrando uma diferença significativa ($p<.01$) assim, parece haver uma indiferença maior em Pedro no que se refere à expressão das emoções.

Nas outras emoções de afeto, prazer, surpresa, curiosidade, agressividade, ciúmes, vaidade, nojo e vergonha não houve diferenças estatisticamente relevantes

- Congruência das Emoções

Congruência Entre Emoções Esperadas e Observadas

Na Tabela 4 encontram-se as percentagens dos dois participantes em função da congruência em cada emoção estudada.

Emoção	Congruência		
	João	Pedro	p
Alegria	74%	65%	0,40
Afeto	75%	25%	<.01
Prazer	100%	100%	n.s.
Surpresa	0%	0%	n.s.
Curiosidade	100%	100%	n.s.
Raiva	75%	100%	<.01
Cúmes	100%	50%	<.01
Egoísmo	100%	0%	<.01
Vaidade	100%	0%	<.01
Nojo	0%	0%	n.s.
Vergonha	33%	0%	<.01
Nenhuma	0%	67%	<.01

Geral

A congruência total de João foi de 66% e a de Pedro foi de 63%, uma diferença sem significado estatístico ($t=0.269$ e $p=.79$ no Teste Canônico da Diferença Entre Proporções). Isto representa que os dois irmãos apresentam grau semelhante de congruência entre as emoções esperadas e as observadas, ficando este grau próximo a 2/3.

Segundo a Emoção Específica

De acordo com a Tabela 4, existem diferenças entre os irmãos na congruência de emoções esperadas específicas. João apresenta maior congruência no que concerne a afeto, ciúmes, egoísmo, vaidade e vergonha, todas mostraram diferenças significativas ($p < .01$). Já Pedro apresenta maior congruência apenas em raiva e nenhuma ($p < .01$). As emoções prazer, surpresa, curiosidade e nojo obtiveram percentagens iguais para os participantes em relação à congruência. Na alegria houve diferença de percentual (João 74% e Pedro 65%), mas não significativa.

Vale destacar ainda os altos percentuais conseguidos tanto por João como por Pedro nas emoções de prazer (100%), curiosidade (100%), raiva (75% e 100% respectivamente).

Segundo o Tipo de Emoção

Classificando-se as emoções de acordo com Delgado (1971) em Agradáveis (afeto, alegria, prazer e vaidade), Desagradáveis (raiva, ciúmes, egoísmo, nojo e vergonha), nenhuma, podendo haver uma quarta categoria: neutras (curiosidade e surpresa), uma *one-way ANOVA* da congruência emocional em função do tipo de emoção esperada apresentou resultados não significativos ($F[3,72] = 0.998; p = .40$).

Outra classificação que seria as emoções como “menos elaboradas” (afeto, raiva, alegria, nojo, prazer, surpresa), “mais elaboradas” (ciúmes, curiosidade, egoísmo, vaidade, vergonha) e nenhuma. A partir desta nossa classificação foi feita uma *one-way ANOVA* da congruência emocional em função do tipo de emoção esperada. Este teste também apresentou resultados não significativos ($F[2,73] = 1.467; p = .24$).

Diante do exposto, para nenhum dos irmãos se observou uma variação da congruência em função do tipo de emoção (agradáveis, desagradáveis, neutras ou nenhuma; “menos elaboradas” ou “mais elaboradas”).

No entanto, considerando-se apenas as emoções agradáveis e as emoções desagradáveis, sem a inclusão das categorias neutra e nenhuma, demonstradas por cada um dos participantes em função da congruência (ver Tabela 5).

Tabela 5. Comparação entre emoções agradáveis e emoções desagradáveis por cada participante através do teste canônico da diferença entre duas proporções.

Emoção Observada	Totais Emoções Observadas	Emoções Congruentes	Emoções Incongruentes	Teste de Hipóteses para duas proporções
João				
Emoções agradáveis	25	18 72.00%	7 28.00%	$Z = .332$ $p = .3698$
Emoções desagradáveis	12	8 66.67%	4 33.33%	
Pedro				
Emoções agradáveis	18	17 94.44%	1 5.55%	$Z = 2.895$ $p < .001$
Emoções desagradáveis	7	3 42.86%	4 57.14%	
João e Pedro				
Emoções agradáveis	43	35 81.40%	8 22.86%	$Z = 1.950$ $p = .0256$
Emoções desagradáveis	19	11 57.89%	8 18.60%	

Verifica-se que João teve o maior número de congruência tanto nas emoções agradáveis (72.00%) como nas desagradáveis (66.67%). Já em Pedro essa diferença torna-se significativa ($Z = 2.895$; $p < .001$), sendo a congruência entre as emoções observadas agradáveis (94.44%) e desagradáveis (42.86%).

No geral, ambos os participantes denotam congruência quanto à demonstração de emoções agradáveis (81.40%), sendo significativamente superior do que a congruência nas emoções desagradáveis (57.89%) ($Z = 1.950$; $p = .0256$). Esses dados fogem do padrão esperado, principalmente quanto às respostas de Pedro que nas emoções desagradáveis teve maior número de incongruência (57.14%).

Segundo a congruência e a incongruência

Na Tabela 6 está disposta a comparação entre a congruência e a incongruência observada levando em consideração as emoções agradáveis e as desagradáveis. As categorias nenhuma e emoções neutras apresentam número de ocorrência reduzido e, portanto só foram contabilizadas nos totais para cada sujeito e no total dos dois.

Nas emoções agradáveis nota-se que João expôs significativamente maior número de congruência (72%) do que incongruência (28%) ($Z= 2.450, p<.007$). Nas emoções desagradáveis a diferença não foi significativa (congruentes 66.67% e incongruentes 33.33%) ($Z= 1.225; p=.1103$). Assim, João denotou significativamente maior número de congruência no total das quatro categorias (65.85%) do que incongruência (34.15%) ($Z= 2.41; p<.0161$).

O mesmo ocorreu com Pedro no que diz respeito à congruência nas emoções agradáveis (94.44%) comparando com as incongruências (5.55%). No entanto Pedro nas emoções desagradáveis demonstra mais incongruência (57.14%) do que congruência (42.86%). No total das quatro categorias Pedro não diferenciou significativamente o número de congruência (62.86%) e de incongruência (37.14%).

O padrão vem a se repetir mesmo sem incluir as emoções neutras e nenhuma, isto é, comparando apenas emoções agradáveis e desagradáveis dos dois participantes juntos. A congruência nas emoções agradáveis foi de 81.40% e a incongruência 22.86% ($Z= 4.588; p<.001$). Isto também se repete quando as emoções são desagradáveis (congruência 57.89% e incongruência 18.60%) ($Z= 2.192; p<.0142$).

Tabela 6. Frequência das emoções observadas indicando o nível de congruência com o esperado e teste de hipóteses para duas proporções (congruentes versus incongruente)

Emoção Observada	Total Emoções Observadas	Emoções Congruentes	Emoções Incongruentes	Teste de Hipóteses para duas proporções
João				
Alegria	17	14	3	
Afeto	4	3	1	
Raiva	3	3	0	
Vergonha	1	1	0	
Prazer	1	0	1	
Ciúmes	4	2	2	
Nenhuma	2	0	2	
Vaidade	3	1	2	
Egoísmo	4	2	2	
Surpresa	1	0	1	
Curiosidade	1	1	0	
Emoções agradáveis	25	18 72.00%	7 28.00%	$Z = 2.450; p < .007$
Emoções desagradáveis	12	8 66.67%	4 33.33%	$Z = 1.225; p = .1103$
Emoções neutras	2	1	1	
Nenhuma	2	0	2	
Total	41	27 65.85%	14 34.15%	$Z = 2.41; p < .0161$
Pedro				
Alegria	15	15	0	
Raiva	5	2	3	
Prazer	2	1	1	
Nenhuma	10	2	8	
Afeto	1	1	0	
Vergonha	1	0	1	
Ciúmes	1	1	0	
Emoções agradáveis	18	17 94.44%	1 5.55%	$Z = 8.232; p < .001$
Emoções desagradáveis	7	3 42.86	4 57.14	$Z = 0.700; p = .242$
Emoções Neutras	0	0	0	
Nenhuma	10	2	8	
Total	35	22 62.86	13 37.14	$Z = 1.574; p = .0577$
João e Pedro				
Emoções agradáveis	43	35 81.40%	8 22.86%	$Z = 4.588; p < .001$
Emoções desagradáveis	19	11 57.89%	8 18.60%	$Z = 2.192; p < .0142$
Emoções Neutras	2	1	1	
Nenhuma	12	2	10	
Total	76	49 64.47%	27 35.53%	$Z = 2.636; p < .004$

Segundo a Época da Interação

No diagrama abaixo estão inseridas as médias de congruência de cada participante em função da época que se deram as observações.

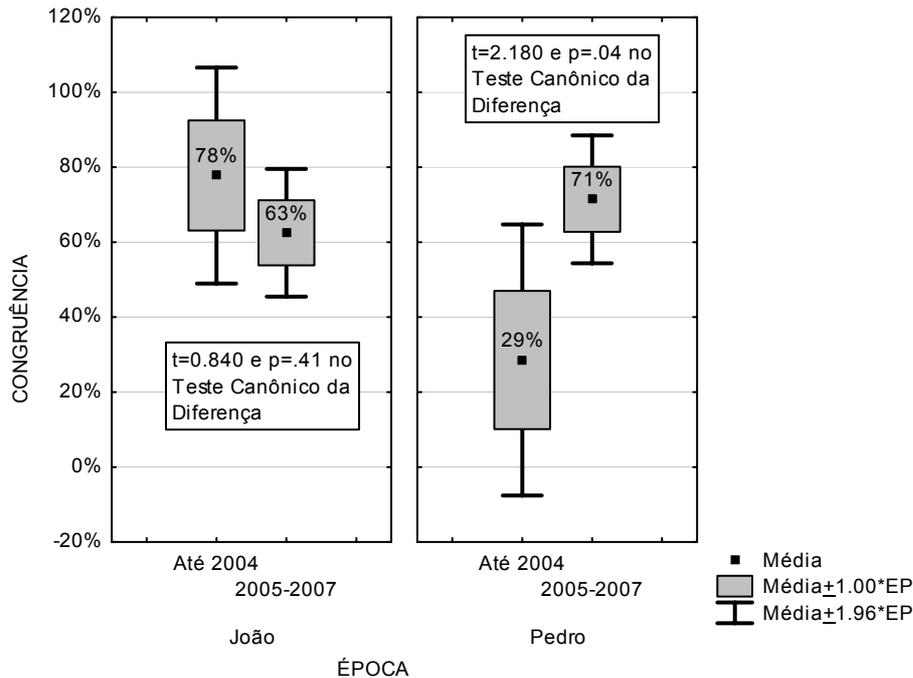


Diagrama 1: A congruência emocional segundo a época da interação.

Como podemos observar no diagrama, não houve variação da congruência nas interações de João (78% entre 2002-2004 e 63% entre 2005-2007) em função da época da observação, já Pedro melhorou as interações de forma significativa com o passar do tempo em termos de congruência (29% entre 2002-2004 e 71% entre 2005-2007).

- Congruência Emoção Esperada x Observada e Congruência Emoção Atual x Anterior

A fim de verificar o “eco emocional” (perduração de uma emoção para a situação seguinte), foram comparadas as situações atuais com as anteriores imediatas. Para João, a congruência entre emoção esperada e emoção observada foi de 64% (n=41), enquanto que a

congruência entre a emoção atual e a emoção imediatamente anterior foi de 24% (n=33), uma diferença estatisticamente significativa ($t=3.436$ e $p<.01$ no Teste Canônico da Diferença entre Proporções).

Para Pedro, a congruência entre emoção esperada e emoção observada foi de 65% (n=35), enquanto que a congruência entre a emoção atual e a emoção imediatamente anterior foi de 29% (n=33), uma diferença estatisticamente significativa ($t=3.447$ e $p<.01$ no Teste Canônico da Diferença Entre Proporções).

Assim, para ambos os sujeitos, constatou-se maior congruência emocional com a situação presente que com a passada. Isto representa que uma dada emoção não influenciou a emoção seguinte em nenhum dos sujeitos, neste sentido, não se pode argumentar um “eco emocional” ou uma “inércia emocional” nas diversas situações que levaram as referidas emoções.

Na seqüência apresentaremos a emoção de nojo em destaque em virtude da não observação desta emoção, considerada por muitos como básica e universal, e por ter havido situações em que ela deveria ter sido evidenciada.

- Emoção de Nojo

Nos relatos realizados pelas pessoas que conviveram com Pedro e João logo após serem retirados do curral de varas, e dos que convivem com eles até a morte do mais velho e até os dias atuais com o mais novo, notamos particularidades no que concerne a emoção de nojo.

Na época em que estavam confinados com os suínos, os irmãos disputavam a comida dos porcos, chamada de lavagem, que consiste em resto de alimentos, frutas e verduras, muitas vezes já em decomposição e impróprias ao consumo humano.

Segundo entrevista realizada com a Tutora relatando os contatos iniciais com os sujeitos dessa pesquisa, a mesma narrou que no primeiro dia em que dormiram na casa dela, o quarto ao amanhecer encontrava-se todo sujo de fezes, assim como os próprios (Pedro e João). Ainda no depoimento, ela afirmou que após se fartarem de comida, pois queriam comer tudo o que viam, chegando a passar mal, Pedro teve o comportamento de avançar na comida do cachorro para comer mais foi impedido pela Tutora.

Outro ponto declarado foi que no reinício de contato social, os dois jogavam no chão a comida que era oferecida em um prato e só assim comiam. Este relato foi feito tanto pela Tutora, como pela primeira cuidadora.

Já após a ressocialização, durante as análises dos DVDs, observou-se no DVD 3 (apenas uma situação) que João comeu algumas pipocas que estavam caídas no chão há um bom tempo. Vale salientar que estas pipocas estavam caídas no chão do terraço da casa em que vive (chão de cimento batido, sem cerâmica, por onde circulam animais e pessoas).

Diante do exposto, esses fatos nos levam a perceber que Pedro e João não demonstraram nojo, pelo menos nessa situação citadas e que, para a maioria das pessoas suscitariam este tipo de emoção. Também observa-se que eles não percebem que outra pessoa sente nojo, como por exemplo, quando a pesquisadora que colheu o material demonstrou nojo através da expressão facial e do comportamento de se afastar, quando eles se aproximavam muito ou quando se dirigiam a ela com a saliva escorrendo pela boca, ou ainda rejeitando o toque após limparem a saliva com as próprias mãos.

7 DISCUSSÃO

Emoções Esperadas e Observadas

De acordo com os dados analisados observa-se que, segundo a Tabela 3, Pedro apresentou maior percentagem onde nenhuma expressão observada era esperada. Este fato nos leva a entender que Pedro é mais indiferente que João em relação a demonstrar emoções. Esta afirmação se confirma mais uma vez quando em relação à emoção esperada, no que concerne a alegria, a expectativa era que Pedro demonstrasse mais essa emoção que João diante das situações geradoras de emoção, porém, os irmãos a expressaram de forma parecida.

Ainda segundo a mesma tabela, a emoção de egoísmo como emoção esperada foi mais expressa em João e não foi observada em Pedro. Na perspectiva de Damásio (2004) e Harris (1996), o egoísmo seria uma emoção social ou secundária relacionada a valores morais (social) e a cultura, onde objetos sociais seriam a causa do desencadeamento da emoção. Harris (1996) afirma que esse tipo de emoção só é indicada de forma adequada a partir dos sete anos de idade.

Nas outras emoções listadas na Tabela 3 (afeto, prazer, surpresa, curiosidade, raiva, ciúmes, vaidade, nojo, vergonha) não houve diferenças entre os dois participantes.

Pedro e João obtiveram grau de congruência geral semelhante entre as emoções esperadas e as observadas. Isto demonstra que, no geral, os irmãos foram coerentes em relação ao que era esperado e o que era observado nas diversas emoções. Porém, quando analisamos emoções específicas encontramos diferenças.

João apresenta maior congruência nas emoções de afeto, ciúmes, egoísmo, vaidade e vergonha; e Pedro apenas em raiva e nenhuma. A maioria das emoções que obtiveram congruência maior para João, são as chamadas secundárias ou sociais (Harris, 1996; Damásio,

2004). A maior congruência de Pedro foi em raiva que é considerada uma emoção primária, básica ou universal (Damásio, 2004; Ekman, Friesen & Ellsworth, 1982; Harris, 1996) e em nenhuma emoção.

O tipo de emoção (agradáveis, desagradáveis, neutras ou nenhuma; “menos elaboradas” ou “mais elaboradas”), não influenciou a congruência para os dois irmãos. Porém, se considerarmos apenas as emoções agradáveis e as desagradáveis, como exposto na Tabela 5, verificamos que Pedro demonstrou ser mais incongruente nas emoções desagradáveis, o que foge o padrão esperado. Estaria este fato ligado ao seu alto grau de indiferença?

Diante do exposto, pode-se verificar que Pedro é mais apático do que João. Sabemos que ele foi colocado no curral com porcos com 6/7 anos. Nesta idade as crianças devem já ter demonstrado várias emoções, inclusive as chamadas por Harris (1996) e Damásio (2004) de sociais ou secundárias, como a culpa, a vergonha, o ciúme, entre outras. Pergunta-se então: Será que a situação de privação social fez com que Pedro mostrasse mais indiferença frente às situações que lhes foram apresentadas? E o que dizer de João, colocado em tão tenra idade (aproximadamente 1 ano) no mesmo contexto e no entanto apresentando maior interação e demonstrando mais respostas emocionais? Depois de quatorze anos de ressocialização por que João expressa mais emoções do que Pedro? Parece-nos que, neste caso, o cativo (situação de privação) mais tardio, trouxe mais dano ao que diz respeito à expressão emocional. Não há relato na literatura sobre esta questão.

Quanto à congruência segundo a época da interação, João não melhorou ou piorou a congruência nas interações em função da época da observação. Mas, com o passar do tempo, Pedro melhorou significativamente a partir de 2005. Poderíamos explicar esse fato devido a uma possível habituação de Pedro à situação de a pesquisadora ir a sua casa e buscar “dialogar” com ele. João sempre foi mais ativo e buscou interagir com a pesquisadora desde o primeiro contato em 2002 e isso perdura até agora.

Uma emoção que merece destaque é a alegria, que foi a emoção mais observada em João e Pedro. Como poderíamos esperar que após tanta privação a alegria seria tão manifesta?

Congruência Emoção Esperada x Observada e Congruência Emoção Atua x Anterior

Verificou-se tanto em Pedro quanto em João que houve maior congruência emocional com a situação presente do que com a passada. Nesse sentido, não se pode questionar um “eco emocional” ou uma “inércia emocional”, ou seja, uma emoção não desencadeou a emoção seguinte nas variadas situações analisadas para nenhum dos participantes.

Emoção de Nojo

Vários autores consideram o nojo uma emoção básica, portanto, em seu conceito, inata e universal (DARWIN, 2004; EKMAN, FRIESEN & ELLSWORT, 1982; IZARD, 1971; MCDOUGALL, 1926; OATLEY & JONHSON-LAIRD, 1987; PLUTCHIK, 1980; TOMKINS, 1984 *apud* ORTONY & TURNER, 1990).

Nos dois sujeitos desta pesquisa não foi evidenciado qualquer experiência de nojo, nem de forma expressa, nem na percepção da dada emoção. Nosso levantamento não pode afirmar que os dois não possuem nojo, mas que ele não foi relatado nem evidenciado.

Considerando o nojo uma emoção inata e universal, deveríamos esperar que Pedro e João o sentissem e o percebessem. Se ele não ocorre nesses sujeitos privados de contato social extremo poderíamos levantar uma discussão a cerca da universalidade das emoções? E sobre a questão inata? Inato refere-se a eventos biológicos que fazem parte do indivíduo desde o nascimento, portanto sendo o nojo inato deveria estar presente nos sujeitos deste estudo.

Pedro foi colocado no curral com 6/7 anos de idade e João com aproximadamente 1 ano. Harris (1996) afirma que as crianças conseguem apontar situações adequadas para as emoções primárias aos quatro ou cinco anos, portanto de acordo com este autor Pedro deveria sentir e reconhecer o nojo. No entanto, pode-se argumentar que por questão de sobrevivência o nojo não caberia em tal situação de cativo, emoção essa que talvez não tenha sido desenvolvida até sua morte.

Considerando as peculiaridades culturais para a emoção em questão, seria esperado que Pedro e João, após quatorze anos de ressocialização, adquirissem normas da cultura em que estão inseridos. Contudo, em relação ao nojo eles parecem não ter se apropriado desta emoção como os outros indivíduos da sociedade. Isto nos leva a crer que a privação social interferiu gravemente no desenvolvimento das reações emocionais destes sujeitos.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No início deste ano um caso de confinamento chocou o mundo, trata-se de Elisabeth Fritzl, que foi aprisionada em um porão durante 24 anos pelo seu próprio pai, Josef Fritzl, tendo 7 filhos com ele. Porém, apesar de todo o trauma vivido por essa mulher e seus filhos, eles tinham contato entre eles e com o pai, além de conhecer o mundo externo àquele porão por uma televisão. Este fato explica que eles se comuniquem e demonstrem sentimentos (www.folha.com.br). O caso dos participantes do presente estudo foi diferente, já que eles foram confinados em um curral de porcos sem contato com outros humanos. Este caso representa uma rica história para investigações científicas, pois Pedro e João encontravam-se em privação extrema de contato social.

Pedro e João apresentam muitas similaridades com os casos relatados de crianças selvagens. Ambos, apesar de quatorze anos de ressocialização, não conseguiram ser usuários da língua padrão em que estavam inseridos e não aprenderam algumas normas culturais, como por exemplo, utilizar o banheiro para realizar suas necessidades fisiológicas. Assim como muitas “crianças selvagens”, Pedro morreu cedo, aos 26 anos de idade. A emoção de tristeza observada em João tem particular semelhança ao caso Amala e Kamala que inspirou o personagem Mowgli, de Rudyard Kipling, Kamala só chorou quando sua irmã Amala morreu (MASSINI-CAGLIARI, 2003), o mesmo aconteceu com os participantes desta pesquisa, só foi relatado choro de João quando Pedro morreu.

Nos casos de “crianças selvagens” existem sempre dúvidas a respeito da causa do confinamento, geralmente se questiona se esses sujeitos não seriam portadores de alguma deficiência, o que seria a causa de tal situação. No caso de Pedro e João, os relatos colhidos com os que conviveram com eles antes da privação sócio-cultural, quando sua mãe ainda era viva, referem que eles eram crianças normais e muito ativas.

Como observamos nos resultados, podemos afirmar que Pedro e João demonstram alegria, considerada por vários autores uma emoção inata e universal. Em relação à expressão da emoção de tristeza, também considerada inata e universal, que não foi evidenciada durante as análises, no entanto, a atual cuidadora refere que Pedro chorava, “sem sair lágrima, só fazendo careta” e ficou muito triste quando passou alguns dias internado no hospital. Já João nunca tinha chorado e como foi dito, chorou e ficou triste quando o irmão morreu, no dia seguinte não demonstrou mais tristeza.

Outra emoção dita inata e universal que chamou atenção, por sua ausência, foi a de nojo, que como já foi discutido, não foi evidenciada nos participantes. Se a considerarmos como uma emoção básica, era para ser observada. E mesmo após a ressocialização era esperado que eles a demonstrassem, pois se apropriariam dela através da cultura em que estavam inseridos.

Este estudo exploratório abre um leque de questionamentos, como por exemplo, existem realmente emoções básicas? Se existem são inatas e universais? Como explicar que diante de tanta privação a alegria seja a emoção mais expressa? O material utilizado nas nossas análises é de grande valor, porém limitado para responder todas essas questões.

O debate a cerca universalidade *versus* relatividade das emoções continua a ser uma questão que necessita de melhor análise já que esse estudo por si só não ofereceu dados suficientes para esclarecer tal controvérsia. Salienta-se ainda que no presente estudo não houve intervenção da pesquisadora com os sujeitos, havendo apenas uma análise de vídeos anteriormente registrados. Assim, muitas das questões que foram levantadas acima poderiam ser respondidas satisfatoriamente com um estudo de intervenção.

Finalizando, gostaríamos de chamar atenção para a emoção de alegria, que foi a mais observada, como já foi dito, tanto em Pedro como em João. Podemos então afirmar que, apesar de todo sofrimento vivido por esses dois jovens, eles ainda expressam a emoção de

alegria. Mesmo assim, após quatorze anos de ressocialização, Pedro demonstrou ser mais apático que João apesar de ter sido privado de contato social numa idade maior (6/7 anos de idade). Diante do que foi exposto, nos parece que a extrema privação de convívio social interferiu seriamente no desenvolvimento das reações emocionais desses sujeitos.

REFERÊNCIAS

- ARANTES, V. A. **Afetividade e cognição: rompendo a dicotomia na educação**, 2005. Disponível em: < <http://www.hottopos.com/videtur23/vaeria.htm>> Acesso em 8 mar. 2007.
- BANKS-LEITE, L.; GALVÃO, I. **A educação de um selvagem: As experiências pedagógicas de Jean Itard**. São Paulo: Cortez, 2000.
- BELL, M. A.; WOLFE, C. D. Emotion and cognition: An intricately bound developmental process. **Child Development**, v.75, p. 366-370, 2004.
- BRIDGES, L. J.; DENHAM, S.; GANIBAN, J. M. Definitional issues in emotion regulation research. **Child Development**, v.75, p. 340-345, 2004.
- BRUNER, J. **Realidade mental, mundos possíveis**. Trad. Marcos A. G. Domingues. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.
- COLE, P. M.; MARTIN, S. E.; DENNIS, T. A. Emotion regulation as a scientific construct: Methodological challenges and directions for child development research. **Child Development**, v.75, p. 317-333, 2004.
- DAMÁSIO, A. **O erro de Descartes: emoção, razão e cérebro humano**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- _____. **O mistério da consciência**. Do corpo e das emoções ao conhecimento de si. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- _____. **Em busca de Espinosa: prazer e dor na ciência dos sentimentos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- DARWIN, C. **A expressão das emoções no homem e nos animais**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- DAVIDOFF, L. L. **Introdução à psicologia**. São Paulo: McGraw-Hill do Brasil, 1983.
- DELGADO, J. M. R. **Emoções**. São Paulo: Ed. Universidade de São Paulo, 1971.
- DIAS, M.G.; VIKAN, A.; GRAVAS, S. Tentativa de crianças em lidar com as emoções de raiva e tristeza. **Estudos de Psicologia**, n. 5, p. 49-70, 2000.

DIAS, M. G. B. B.; SANTOS, L.; ROAZZI, M. Cognição e emoção: pressupostos, teorias e estudos empíricos *In*: MEIRA, L.; SPINILLO, A. (Orgs.): **Psicologia Cognitiva**: Cultura, Desenvolvimento e Aprendizagem. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2006, p.122-146

ELFENEIN, H. A.; AMBADY, N. On the Universality and Cultural Specificity of Emotion Recognition: A Meta-Analysis. **Psychological Bulletin**: Washington, v. 128 (2), p. 203-235, 2002. Disponível em: <<http://faculty.haas.berkeley.edu/anger/bul1282203.pdf>>. Acesso em 25 jan. 2008.

EKMAN, P. Face muscles talk every language. **Psychology Today**, v. 9, p. 35-39, 1975.

EKMAN, P. Basic Emotions. *In*: DALGLEISH, T; POWER, M. **Handbook of Cognition and Emotion**. Sussex, U.K.: John Wiley & Sons, 1999a. Disponível em: <http://www.paulekman.com/pdfs/basic_emotion.pdf>. Acesso em 10 jan. 2008

EKMAN, P. Facial Expressions. *In*: DALGLEISH, T; POWER, M. **Handbook of Cognition and Emotion**. Sussex, U.K.: John Wiley & Sons, 1999b. Disponível em: <http://www.paulekman.com/pdfs/facial_expression.pdf> . Acesso em 10 jan. 2008.

EKMAN; FRIESEN. **On masking the face**: a guide to recognizing emotions from facial clues. Cambridge: Malor Books, 2003.

FELDMAN, R. S. **Social Psychology**. Theories, research and applications. USA: McGraw-Hill, 1985.

FENICHEL, O. **Teoria Psicanalítica das Neuroses**. São Paulo: Editora Atheneu, 1998.

FERAL CHILDREN. Disponível em: <<http://www.feralchildren.com>>. Acesso em 03 out. 2007.

FOLHA ON LINE. Disponível em: <<http://www.folha.com.br>>. Acesso em 20 fev. 2008.

GONÇALVES, J.; PEIXOTO, M. A. **O menino selvagem: estudo de caso de uma criança selvagem retratado no filme “O menino selvagem” de François Truffaut**. São Paulo, 2001. 104 p. Disponível em: <<http://www.educ.fc.ul.pt/docentes/opombo/cinema/dossier/meninoselvasgem.pdf>>. Acesso em 12 jul. 2007.

HARRIS, P. L. **Criança e emoção**: O desenvolvimento da compreensão psicológica. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

HOESKAMA, J. B.; OOSTERLAAN, J.; SCHIPPER, E. M. Emotion regulation and the dynamics of feelings: A conceptual and methodological approach. **Child Development**, v. 75, 354-360, 2004.

LANGOIS, J. H. Emotion and emotion regulation: From another perspective. **Child Development**, v.75, p. 315-316, 2004.

LIMA, F. G. A. **O processo de comunicação pós-ressocialização de duas crianças selvagens**. Dissertação (Mestrado) - Universidade Católica de Pernambuco, Recife, 2006.

MASSINI-CAGLIARI, G. DELTA: Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada. **Resenha Review**. São Paulo, v. 19, n.1, 2001-210, fev. 2003, ISSN 0102-4450. Disponível em: <<http://www.scielo.br>>. Acesso em 15 dez. 2007.

MILLER, W. I. **The Anatomy of Disgust**. Cambridge: Harvard University Press, 1997.

MORRIS, C.G.; MAISTO, A. A. **Introdução à psicologia**. São Paulo: Prentice Hall, 2004.

MURRAY, E. J. **Motivação e emoção**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1971.

NEWTON.M. **Savage Girls and Wild Boys: A History of Feral Children**. London: Faber and Faber, 2002.

ORTONY, A.; TURNER, T. J. What's basic about basic emotions? **Psychological Review**, v. 97 (3), p. 315-331, 1990.

REVISTA VEJA, São Paulo, edição 2036, 28 de novembro de 2007, Semanal.

ROAZZI, A.; FEDERICCI, F. C. B.; WILSON, M. A Estrutura Primitiva da Representação Social do Medo. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, Porto Alegre, v.14 (1), p. 57-72, 2001.

RUSSEL, J. A. Culture and the categorization of emotions. **Psychological Bulletin**: Washington, v. 110 (3), p. 426-450, 1991.

SÁ, A. K. J. M. **Emoções e estratégias de coping frente à morte de crianças em situação de rua e de nível socioeconômico médio**. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2007.

TORRES, S.; GUERRA, M. P. A construção de um instrumento de avaliação das emoções para a anorexia nervosa. **Psicologia, Saúde e Doenças**, Lisboa, v.4 (1). p. 97-110, 2003.

ANEXOS

Anexo n.1 – O Processo Público

Excelentíssima Senhora Doutora Juiza Presidente da Segunda Vara desta
Comarca de [REDACTED]

3794 micio

D.R.A.
Ao M.P., vindo-me logo após.
Sqi, 20/09/94

Maryliana Pelosa Martins
Juiza de Direito

DISTRIBUIÇÃO
Distrit: 30
N.º 4436
em 20/09/94
Visto do Juiz

[REDACTED], brasileiro,
casado, advogado, residente na [REDACTED] nesta cidade, abaixo
firmado, vem perante Vossa Excelência para expor e requerer o seguinte:

Que no último dia 06 do corrente mês, tomou conhecimento da existência de duas crianças mantidas em cativeiro, nesta cidade, tendo se deslocado até o lugar indicado e em sendo aí, constatado o fato, procurou de imediato a autoridade policial civil e representante do Ministério Público, para fazer-lhes ciência.

O Sr. Delegado de Polícia, Dr. [REDACTED] foi até o local, flagrando a denúncia, ou seja: encontrou duas crianças inteiramente despidas, em estado miserável, trancadas em um curral de varas, completamente desnutridas e famintas, conduzindo-as à presença da Promotoria.

Na oportunidade, como nenhum órgão protetor do menor se fazia presente, o signatário juntamente com sua esposa se prontificaram a ficar com as crianças, provisoriamente, até que se determinasse o destino das mesmas.

Os menores, do sexo masculino, com idades de 08 e 14 anos, respectivamente, pesaram 11 e 13 quilos, quando foram entregues, conforme explicitado, ao requerente.

Que todo cuidado foi dedicado às crianças, inclusive *com atendimento médico, pelo requerente e sua família*, chegando ao ponto das mesmas atualmente estarem completamente diferentes daquela péssima situação anterior. Registre-se que a carência maior que tinham as crianças era de amor e carinho e isso está sendo agora oferecido.

Meritíssima Juiza, acontece que desde o início que se ouve comentários na cidade, que pessoas sem escrúpulos estão trabalhando para desvirtuar a significação do gesto empreendido pelo requerente, querendo atribuir a interesse político partidário.

Estão inclusive, agora, dizendo que as crianças estavam bem assistidas, querendo talvez se desvencilhar da responsabilidade.

Vale aqui ressaltar que a responsabilidade deve ser apurada, não somente em relação à família dos menores mas também dos que tinham conhecimento dos fatos e se omitiram em denunciá-los.

Douta Magistrada, se o requerente tivesse interesses particulares e ou políticos com relação ao caso, teria atendido a imprensa, nas várias oportunidades que foi procurado para divulgar a matéria, entretanto optou pelo anonimato, até o momento.

Considerando que alguns familiares dos menores [redacted] dentre os quais o próprio genitor, estiveram na residência do requerente, "amenizando" os fatos (talvez para se livrarem das penas da lei); considerando ainda que até o momento não foi concedida a guarda provisória dos menores para o requerente conforme foi estabelecido anteriormente; considerando outrossim que órgãos de proteção da criança e do adolescente têm também demonstrado interesse em participar do processo [redacted]

r e q u e r :

A designação de audiência com a presença do pai dos menores (a mãe é falecida), da madrastra, [redacted] do Conselho Municipal de Defesa dos Direitos da Criança e do Adolescente ou semelhante, do Douto Representante do Ministério Público, para que seja resolvida em definitivo essa situação.

O requerente todavia, mantém-se disposto a permanecer com a responsabilidade das crianças, desde que legalmente, para evitar fatos mesquinhos oriundos de pessoas também mesquinhas, evidentemente.

Que a designação da audiência não ocorra no primeiro expediente das quartas feiras nem no segundo das terças feiras, em virtude de compromissos já agendados pelo requerente para esses dias.

Nestes termos
requer deferimento.

[redacted] 20 de setembro de 1994

[redacted]
Réquerente

Anexo n. 2 – Tabelas das análises dos DVDs

DVD 1**TEMPO: 0:26:30****OUT / 2002****LOCAL: APAE****Dia 24/10/2002 (0:17:09) – Sessão 1****Situação:** Nas dependências da APAE com crianças e professora

Tabela 7 -JOÃO

Situações Geradoras de Emoção	Comportamento Manifesto	Emoção Esperada	Emoção Observada	Congruência
Toca música infantil	Sorriso, bate palmas, dança	Alegria	Alegria	SIM
Toca música infantil	Abraça a professora e dança com ela	Alegria	Afeto	NÃO
Roda de dança (Atirei o pau no gato)	Sorriso e participação	Alegria	Alegria	SIM
Menina pega brinquedos que ele está usando	Fecha a mão e bate na cabeça da menina	Raiva	Raiva	SIM

Tabela 8 - PEDRO

Situações Geradoras de Emoção	Comportamento Manifesto	Emoção Esperada	Emoção Observada	Congruência
Toca música infantil	Indiferença	Alegria	Nenhuma	NÃO
Irmão segura sua mão e move para dançar	Indiferença	Alegria	Nenhuma	NÃO
Roda de dança (Atirei o pau no gato)	Sorri, mas participa por que as crianças e a professora o levam	Alegria	Alegria	SIM

Dia 25/10/2002 (00:09:21) – Sessão 2

Situação: Nas dependências da APAE, numa mesa com a pesquisadora

Tabela 9 - JOÃO

Situações Geradoras de Emoção	Comportamento Manifesto	Emoção Esperada	Emoção Observada	Congruência
Pesquisadora dispõe na mesa lápis de cor	Sorriso	Alegria	Alegria	SIM
Pesquisadora o incentiva a “escrever” e o elogia	Riscos no papel sorrindo	Alegria	Alegria	SIM

Tabela 10 - PEDRO

Situações Geradoras de Emoção	Comportamento Manifesto	Emoção Esperada	Emoção Observada	Congruência
Professora o trás para mesa e lê entrega papel e lápis	Contrações no rosto, devolução do lápis ríspidamente, grito	Alegria	Raiva	NÃO
Professora lhe dá um doce (pirulito)	Morde o pirulito sem nenhuma expressão	Alegria	Prazer	NÃO

DVD 2
NOV / 2004
LOCAL: APAE

TEMPO: 00:26:00

Dia 15/11/2004 – Sessão 3

Situação: Nas dependências da APAE com crianças e professora

Tabela 11 - JOÃO

Situações Geradoras de Emoção	Comportamento Manifesto	Emoção Esperada	Emoção Observada	Congruência
Professora pergunta se ele está com vergonha (está quieto na cadeira)	Levanta da cadeira, baixa a cabeça e encosta na professora abraçando-a	Vergonha	Vergonha	SIM
Abraça uma mulher	Ela o afasta ele insiste em ficar abraçado	Afeto	Afeto	SIM
Masturbação	Roçar quadris no colchão	Vergonha	Prazer	NÃO

Tabela 12 - PEDRO

Situações Geradoras de Emoção	Comportamento Manifesto	Emoção Esperada	Emoção Observada	Congruência
Seu irmão lhe dá um beijo no rosto	Rejeição, contrações no rosto, grito	Afeto	Raiva	NÃO
Homem puxa-o pelo braço	Contrações no rosto, grito	Raiva	Raiva	SIM

DVD 3
OUT / 2005 - Filme 1
LOCAL: Residência

TEMPO:00:48:45

Dia 07/10/2005 – Sessão 4

Situação: Pedro e João estão no terraço da casa onde moram com a cuidadora e a pesquisadora

Tabela 13 - JOÃO

Situações Geradoras de Emoção	Comportamento Manifesto	Emoção Esperada	Emoção Observada	Congruência
Cuidadora lhe entrega tigela com pipoca	Sorri, bate palmas	Alegria	Alegria	SIM
Percebe a pesquisadora no muro filmando	Sorri, grita, aponta	Surpresa	Alegria	NÃO
Recebimento de presentes	Euforia, sorriso, abraça os presentes	Alegria	Alegria	SIM
Tentativa de entregar presente ao irmão	Quer para ele o presente	Afeto	Ciúmes	NÃO
Cuidadora questiona como agradecer os brinquedos	Aperta a mão da pesquisadora e beija	Afeto	Afeto	SIM
Ser chamado atenção sobre a saliva que escorre pela boca	Passa a mão pela boca, mas não muda a expressão	Vergonha	Indiferença	NÃO
Pesquisadora brinca com ele (com brinquedos que trouxe)	Sorriso, participação	Alegria	Alegria	NÃO
Pipoca cai no chão	Pega a pipoca no chão e come	Nojo	Indiferença	NÃO

Tabela 14 - PEDRO

Situações Geradoras de Emoção	Comportamento Manifesto	Emoção Esperada	Emoção Observada	Congruência
Recebe pipoca	Ri	Alegria	Alegria	SIM
Come pipoca	Come pipoca	Prazer	Prazer	SIM
Recebimento de presentes	Não recebe, apenas olha	Alegria	Indiferença	NÃO
Irmão tenta brincar com ele (coloca telefone de brinquedo no seu ouvido)	Não esboça reação	Alegria	Indiferença	NÃO
Pesquisadora lhe dá um telefone de brinquedo	Recebe o telefone, o segura no ouvido, não muda a expressão, entrega a cuidadora	Alegria	Receptividade	NÃO

DVD 4**TEMPO: 0:60:50****OUT / 2005 - Filme 2****LOCAL: Residência****Dia 07/10/2005 – Sessão 5**

Situação: Os dois estão na casa onde moram. Pedro passa o tempo todo na mesa comendo. João interage com a pesquisadora

Tabela 15 - JOÃO

Situações Geradoras de Emoção	Comportamento Manifesto	Emoção Esperada	Emoção Observada	Congruência
Sua imagem e das outras pessoas passa na TV	Aponta para a TV, grita, sorri	Alegria	Alegria	SIM
Elogios	Pesquisadora diz que ele é forte, arregança a manga da camisa de frente para o espelho	Alegria	Vaidade	NÃO
Cuidadora passa perfume nele	Estende as mãos, pede mais, esfrega as mãos, sorri	Alegria	Vaidade	NÃO
Na frente do espelho	Sorri para o espelho, beija o espelho, ajeita o cabelo	Vaidade	Vaidade	SIM
Segura o espelho	A pesquisadora e a cuidadora pedem o espelho, ele nega e diz “é meu”	Egoísmo	Egoísmo	SIM
Ouvem música (forró)	Dança, tenta cantar (faz do controle microfone) levanta as mãos grita	Alegria	Alegria	SIM
Almoço	Após almoçar, abraça a cuidadora e um homem que estava na cozinha	Afeto	Afeto	SIM

Tabela 16 - PEDRO

Situações Geradoras de Emoção	Comportamento Manifesto	Emoção Esperada	Emoção Observada	Congruência
Está com fome e vai buscar comida no fogão, não deixam	Grito (choro?), contrações no rosto, “se joga” no chão	Raiva	Raiva	SIM
Tentativa de falar com ele (Pesquisadora e cuidadora)	Continua comendo, olha, emite sons, sorri	Alegria	Alegria	SIM

DVD 5
OUT / 2005 - Filme 3
LOCAL: Residência

TEMPO: 00:10:47

Dia 07/10/2005 – Sessão 6

Situação: Estão a cuidadora, a pesquisadora e os dois no terraço de casa com um espelho

Tabela 17 - JOÃO

Situações Geradoras de Emoção	Comportamento Manifesto	Emoção Esperada	Emoção Observada	Congruência
Cuidadora briga com ele para não beijar o espelho para não manchar, e o toma	Assusta-se e solta o espelho	Raiva	Surpresa	NÃO

Tabela 18 - PEDRO

Situações Geradoras de Emoção	Comportamento Manifesto	Emoção Esperada	Emoção Observada	Congruência
Imagem refletida no espelho e elogios	Sorriso	Alegria	Alegria	SIM

DVD 6
NOV / 2005 - Filme 1
LOCAL: Residência

TEMPO: 00:62:36

DIA 24/11/2005 (00:24:36) – Sessão 7

Situação: A pesquisadora e a cuidadora estão no terraço ou na sala com Pedro e João

Tabela 19 - JOÃO

Situações Geradoras de Emoção	Comportamento Manifesto	Emoção Esperada	Emoção Observada	Congruência
Pesquisadora mostra fotografias para ele (dele e das pessoas da casa)	Olha, sorri, aponta, reconhece a neta da cuidadora	Alegria	Alegria	SIM
Pesquisadora interage com Pedro	Puxa o braço dela, empurra Pedro	Ciúmes	Ciúmes	SIM
Pesquisadora pede para ele dar o telefone (calculadora) a Ritinha (neta da cuidadora)	Diz que não vai dar e fica com o telefone no ouvido	Egoísmo	Egoísmo	SIM
Pedro tenta morder suas costas	Revida tentando morder o irmão	Raiva	Raiva	SIM

Tabela 20 - PEDRO

Situações Geradoras de Emoção	Comportamento Manifesto	Emoção Esperada	Emoção Observada	Congruência
Pesquisadora mostra fotografias para ele (dele e das pessoas da casa)	Olha, sorri, aponta, emite sons	Alegria	Alegria	SIM
Pesquisadora fala com ele	Sorri, bate palmas, emite sons	Alegria	Alegria	SIM
Pesquisadora canta parabéns para você	Sorri, bate palmas	Alegria	Alegria	SIM
A cuidadora pede um beijo a ele	Beija o rosto da cuidadora	Afeto	Afeto	SIM
Ele beija a cuidadora	Grita, encosta o rosto na cuidadora como se quisesse se esconder, a abraça	Afeto	Vergonha	NÃO
João beija o rosto do irmão a pedido da Pesquisadora	Deixa o irmão beijá-lo, mas não retribui	Afeto	Indiferença	NÃO
Troca de atenção da pesquisadora para João	Dirige-se ao irmão e tenta morde-lo	Ciúmes	Ciúmes	SIM

DIA 25/11/2005 (00:38:00) – Sessão 8

Situação: A pesquisadora leva presentes para eles

Tabela 21 - JOÃO

Situações Geradoras de Emoção	Comportamento Manifesto	Emoção Esperada	Emoção Observada	Congruência
Pesquisadora chegam a casa dele	Sorri, faz gesto de chamado com as mãos	Alegria	Alegria	SIM
Recebe presentes (brinquedos)	Sorri, fica eufórico, abre o presente	Alegria	Alegria	SIM
Ele está com o violão e o irmão com o pandeiro	“Toca o violão”, sorri	Alegria	Alegria	SIM
Recebe outro presente (cavalo de pau)	Não solta os outros brinquedos, quer segurar todos	Alegria	Egoísmo	NÃO
Recebe animais de brinquedo	Brinca, repete o nome, interage, sorri	Alegria	Alegria	SIM

Tabela 22 - PEDRO

Situações Geradoras de Emoção	Comportamento Manifesto	Emoção Esperada	Emoção Observada	Congruência
Pesquisadora chega a casa dele	Aproxima-se do portão, sorri	Alegria	Alegria	SIM
Recebe presentes (brinquedos)	Sorri, segura o presente, mas não desembulha	Alegria	Receptividade	NÃO
Ganha um pandeiro	Bate no pandeiro, sorri, levanta as mãos	Alegria	Alegria	SIM
Ele está com o pandeiro e o irmão com o violão	Sorri, bate no pandeiro	Alegria	Alegria	SIM
Tentativa da pesquisadora para ele brincar com a bola	Sorri, se movimenta, solta beijos, bate palmas, emite sons, mas não brinca com a bola	Alegria	Alegria	SIM
Bola cai perto dele e ele chuta	Sorri, realiza movimentos estereotipados	Alegria	Alegria	SIM
Toca música em outro ambiente (outra casa ou na rua)	Faz gesto de tocar violão, grita, pula, bate palmas, solta beijo	Alegria	Alegria	SIM

DVD 7
NOV / 2005 - Filme 2
LOCAL: Residência

TEMPO: 00:22:27

Dia 25/11/2005 – Sessão 9

Situação: A pesquisadora está interagindo com eles e com os animais de brinquedo

Tabela 23 - JOÃO

Situações Geradoras de Emoção	Comportamento Manifesto	Emoção Esperada	Emoção Observada	Congruência
A pesquisadora pede alguns animais	Ele nega, segurando todos para si	Concordância	Egoísmo	NÃO
Pesquisadora canta música infantil relacionado com os animais	Sorri, tenta cantar acompanhando-a	Alegria	Alegria	SIM
Pesquisadora o filma	Fica olhando para câmera, sorri, grita	Curiosidade	Curiosidade	SIM

Tabela 24 - PEDRO

Situações Geradoras de Emoção	Comportamento Manifesto	Emoção Esperada	Emoção Observada	Congruência
Pesquisadora está interagindo com João através dos animais	Fica por perto, sorri, grita, realiza movimentos estereotipados	Ciúmes	Indiferença	NÃO
A cuidadora bate no pandeiro entrega a ele, pesquisadora bate palmas	Sorri, bate palmas, balança o pandeiro, mas logo perde o interesse	Alegria	Alegria	SIM

DVD 8
MAR/2007
Residência

TEMPO: 50:27:00
LOCAL:

Dia 31/03/07 – Sessão 10

Situação: Tentativa de realizar experimento de reconhecimento de expressão facial com fotografias

Tabela 25 - JOÃO

Situações Geradoras de Emoção	Comportamento Manifesto	Emoção Esperada	Emoção Observada	Congruência
Pesquisadora interage com ele e as fotos	Sorri, bate com a mão no chão e diz “arretado”	Receptividade	Alegria	NÃO
Pesquisadora tenta pegar a força as fotos que estão na mão dele e que ele não quer dar	Puxa com força, diz não, não deixa a pesquisadora pegar	Raiva	Raiva	SIM
A pesquisadora pede uma flor que está na mão de Pedro, ele dá	Fica entre a pesquisadora e Pedro querendo atenção	Ciúmes	Ciúmes	SIM
A pesquisadora tenta mostrar as fotos a Pedro	A pesquisadora pede para brincar com Pedro, ele diz “não”, tenta pegar as fotos a todo custo, puxa o braço da pesquisadora	Indiferente	Ciúmes	NÃO

Tabela 26 - PEDRO

Situações Geradoras de Emoção	Comportamento Manifesto	Emoção Esperada	Emoção Observada	Congruência
A pesquisadora o filma e o chama	Sorri, realiza movimentos estereotipados	Receptividade	Receptividade	SIM
A pesquisadora dá uma flor a ele, ele devolve	Sorri	Receptividade	Receptividade	SIM
Beija a flor, a cuidadora e a foto sob pedido	Beija o que é pedido, sorri, movimentos estereotipados	Alegria	Alegria	SIM
A pesquisadora insiste com as fotos e tenta conversar	Balança-se, emite sons, ignora	Receptividade	Raiva	NÃO

Obs.: Onde os juízes acordaram que os participantes eram receptivos, indiferentes ou em concordância, foi utilizada a categoria NENHUMA.